

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**O TEATRO COMO UM RECURSO PSICOPEDAGÓGICO
ALTERNATIVO PARA A CRIANÇA NA ESCOLA**

Ana Maria Meyer

Orientador: Prof. Dr. Valério José Arantes

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação de mestrado defendida por Ana Maria Meyer e aprovada pela comissão julgadora.

Data: 27 / 02 / 2002

Assinatura:

orientador

Comissão julgadora:

2002

*Fica decretado que agora vale a verdade,
Que agora vale a vida,
E que de mãos dadas,
Trabalharemos todos pela vida verdadeira.*

Thiago de Mello

Aos meus pais, Ivo e Aci

&

À minha filha Marina

Agradecimentos



Agradeço . . .

- ❖ A Deus por mais esta conquista, pelos desafios, alegrias e pessoas que fizeram parte desta trajetória.
- ❖ Ao professor e amigo Dr. Valério José Arantes pela dedicada orientação e acima de tudo pelo exemplo de pessoa humana que é, e que se torna um incentivo à luta por um mundo melhor.
- ❖ Ao professor João Francisco Duarte júnior pela disponibilidade para discutir e refletir alguns pontos importantes deste trabalho.
- ❖ Ao professor e amigo Joel Sales Giglio.
- ❖ À minha filha, Marina, pela paciência de me acompanhar tantas vezes às aulas na Unicamp, à biblioteca e ao laboratório de informática.
- ❖ Ao Ademilson, da informática, pela constante ajuda e soluções de problemas com a digitação e as pesquisas na internet. Pelo Carinho e atenção comigo e com a Marina.
- ❖ Ao Luiz, companheiro e amigo, pela presença tranqüila em momentos tão conturbados, incentivando-me e apoiando-me sempre.

- ❖ Às crianças de todas as turmas de teatro que me ajudaram a aprender muito.
- ❖ Ao Instituto Educacional Imaculada, que de forma direta contribuiu e contribui muito com meu trabalho, em especial, Rosélia, Maria Lúcia, Maria Rosa, Érica, e a todas as professoras.
- ❖ À Rosélia, Diretora do IEI, que sempre sabe incentivar, apoiar e encorajar as inovações; e por ter marcado tão positivamente meu trajeto na educação.
- ❖ Ao amigos do IEI, Ademir, Caio e Pedro por todo o apoio e disponibilidade para viabilizar tecnicamente e concretizar as idéias.
- ❖ Ao Sr. Carlos e D. Neuza por todo o carinho e atenção e pela revisão minuciosa que tanto me ajudou.
- ❖ À Laura, amiga querida que por tantas e tantas vezes me encorajou, estando sempre ao meu lado compartilhando os momentos mais importantes dessa trajetória.
- ❖ À toda a equipe da secretaria de pós-graduação, em especial à Nadir e à Gi, pelas orientações e atendimentos delicados e atenciosos.
- ❖ A todos os meus amigos que direta ou indiretamente me ajudaram a acreditar e alcançar a realização deste trabalho.

RESUMO

A pesquisa disserta sobre uma experiência com um grupo de teatro de crianças, dentro da escola, e os efeitos dessa atividade no processo educacional.

O teatro se revela como um importante e eficiente recurso psicopedagógico, de vasta possibilidade de utilização dentro da escola, reduzindo ou eliminando alguns obstáculos no processo educativo e no desenvolvimento integral dos educandos.

O estudo permitiu concluir sobre os efeitos da prática de teatro na motivação, criatividade, comunicação e expressão, timidez e autoconhecimento dos alunos.

ABSTRACT

The research consists in an experience with a group of childhood theatre at the school and its effects on the educational process.

The theatre reveals itself as an important and efficient psycho pedagogy resource with vast possibility of utilization at the school, decreasing or eliminating some obstacles on the educational process and the integral development of the students.

The study allowed to make conclusion about the effects of motivation, creativity, communication and expression, shyness and identity of students through theatrical practices.

Sumário

Introdução.....	01
Capítulo 1 Arte e Educação.....	07
1.1 Origens do Teatro	19
1.2 Teatro na Educação.....	25
Capítulo 2 Metodologia.....	37
2.1 problema.....	39
2.2 objetivos.....	41
2.3 justificativa.....	41
2.4 sujeitos.....	42
2.5 local.....	42
2.6 material.....	42
2.7 procedimentos	43
2.8 análise de dados.....	44
Capítulo 3 Retrospectiva do trabalho desenvolvido.....	45
Capítulo 4 Análise dos dados.....	57
4.1 definição das categorias.....	59
4.2 análise por categorias.....	65
Capítulo 5 Criatividade e teatro.....	77
5.1 Analisando os Parâmetros Curriculares Nacionais.....	86
Conclusão.....	95
Bibliografia.....	105
Anexos.....	111
1. questionário de avaliação.....	113
2. relato integral dos depoimentos.....	114
3. fotos.....	123

Introdução



*Estou no centro do rio,
Estou no meio da praça.
Piso firme no meu chão
Sei que estou no meu lugar,
Como a panela no fogo
E a estrela na escuridão.*

*O que passou não conta? Indagarão
As bocas desprovidas
Não deixa de valer nunca.
O que passou ensina
Com sua garra e seu mel.
Por isso é que agora vou assim
No meu caminho publicamente andando.*

*Não, não tenho caminho novo.
O que tenho de novo é o jeito de caminhar.
Aprendi (o caminho me ensinou)
A caminhar cantando
Como convém a mim
E aos que vão comigo
Pois já não vou mais sozinho.*

A presente pesquisa surgiu a partir de observações, questionamentos e buscas por condições mais apropriadas e mais educativas nas aulas de teatro que ministrava numa escola particular de Campinas. Esta escola vem procurando uma forma de incluir o teatro, ou educação dramática, na rotina escolar.

O teatro é uma atividade artística relativamente difundida e associada à Educação. Seja na forma de entretenimento, seja como atividade pedagógica, ou ainda, associada a alguma disciplina curricular, como forma de dinamizar a aula.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a partir da nova Lei de Diretrizes e Bases, incluem o teatro, assim como outras formas de arte, no currículo do ensino fundamental, e oferece alguns subsídios para sua implantação como atividade da rotina escolar.

A arte, de um modo geral, possibilita que, por meio da imaginação (que é o substrato da criatividade), da estética e dos símbolos, a pessoa tenha um maior acesso à esfera dos sentimentos. Os eventos dessa esfera, muitas vezes desvalorizados em nosso dia-a-dia, são de natureza diferente dos que habitam o pensamento, porém complementares, e com possibilidades de integração, o que torna o indivíduo mais inteiro e harmonioso. Por isso trilhei meu trabalho na educação por meio da arte, mais especificamente, do teatro.

Em minha experiência com grupos de teatro fui descobrindo um grande potencial criativo nas crianças, experimentando maneiras diferentes de coordenar os grupos, questionando as atividades realizadas e me surpreendendo com a visível transformação que algumas crianças apresentavam. Então, achei necessário buscar uma forma, apoiada em teorias e práticas, que tornasse o teatro um meio que realmente contribuísse para uma educação mais integral.

A expressão é uma necessidade humana, e desenvolve-se desde o início da vida. O teatro, por englobar diferentes formas de

comunicação, por meio do corpo, da voz e das imagens cênicas, favorece o desenvolvimento da ação expressiva, contribuindo para o aperfeiçoamento da comunicação e da interação e relacionamento grupal.

O teatro é um caminho que conduz à Educação. E, neste contexto, é um meio e não um fim. O objetivo do teatro na escola, não é a formação de atores, nem a produção de obras de arte. A literatura e a observação da realidade mostram que o teatro vem sendo utilizado (em larga escala) com a finalidade de ilustração de festinhas e exposições escolares. Os produtos são, na verdade, criados pelos professores e contam com as crianças somente para executar a tarefa.

Bem, em primeiro lugar, a criança fica numa posição passiva, despojada de qualquer autonomia e sua expressão submetida ao comando do adulto que lhe diz o que é bom, o que é bonito, o que é certo. Em suma, a criança vira uma marionete nas mãos do adulto, e muitas vezes conclui que ela mesma não sabe fazer, que é a professora quem tem que dizer como, onde e por quê. Esta forma de teatro é antieducativa e bastante repressora da criatividade.

O teatro, quando aplicado à educação, deve valorizar mais o processo, que é justamente o responsável pelo desenvolvimento tanto da criatividade, como da expressão, da qualidade de convivência grupal e da construção da autonomia. O produto torna-se uma consequência, que vai apresentar uma qualidade correspondente ao processo desenvolvido. Um bom processo leva a um bom produto, certamente.

No primeiro capítulo, buscarei na teoria de Arte-educação os subsídios que justificam e dão embasamento à aplicação do teatro, como uma forma de arte na Educação. Como fundamentação teórica, traçarei um breve histórico do teatro, procurando destacar, dentre algumas divergências acerca de sua origem, significado, função e seus

elementos fundamentais, as principais convergências sobre as quais pode-se ter uma, ainda que resumida, definição do que é o teatro.

Em seguida, ainda no mesmo capítulo, tratarei do teatro na educação, procurando fazer um levantamento, o mais completo possível, de suas possibilidades de aplicação, dos diferentes objetivos e da posição de diferentes autores sobre a utilização do teatro no contexto educacional, suas críticas e definições.

A metodologia descreve o problema assim como todos os procedimentos que foram utilizados, e os justifica a partir de uma proposta qualitativa.

Após um relato sobre as oficinas de teatro desenvolvidas com os sujeitos da pesquisa e outras crianças, apresentarei a análise qualitativa dos dados coletados.

Reservo em seguida um capítulo para um aprofundamento sobre o fenômeno da criatividade relacionado ao teatro e às propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais. E , enfim apresentarei a conclusão.

Arte e Educação



Capítulo 1

*Certas canções que
ouço*

*Cabem tão dentro
de mim*

*Que perguntar
carece*

*Como não fui eu
que fiz*

(Milton Nascimento/ Certas Canções)

A fim de realizar um estudo teórico do teatro como uma prática de Arte-educação dentro do contexto escolar, e dos benefícios, tanto psicológicos quanto pedagógicos que esta atividade pode proporcionar aos educandos. Busquei respaldo em autores que tratam sobre os temas: arte-educação, jogos dramáticos e teatro aplicado à educação.

Dentre vários autores consultados, privilegiei aqueles em cujo discurso mostraram-se favoráveis e convergentes a uma prática pedagógica e educacional construtivista e libertadora.

O construtivismo¹, fundamentado por Piaget, parte do princípio de que o conhecimento se constrói a partir da relação do sujeito com o meio. Nestes termos, a base do conhecimento está na experiência. Pela manipulação, observação e interação com os objetos e pessoas e com o mundo que a criança vai elaborando suas hipóteses e construindo seu conhecimento sobre todas as coisas.

É, ainda, importante salientar que a prática educacional, seja no teatro ou em qualquer circunstância deve estar voltada para o desenvolvimento da autonomia social, intelectual e moral indissociavelmente, caracterizando-se por uma prática libertadora.

A educação pela arte, ou a Arte-educação nasce de um movimento no sentido de se buscar ampliar os limites da educação na formação do ser humano. Esta prática atinge o indivíduo em sua totalidade, desenvolvendo e valorizando, além dos aspectos intelectuais, os morais, estéticos e o plano dos sentimentos.

A Educação é um direito de todos, assegurado pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, e uma Educação que visa ao desenvolvimento humano, alicerçado no respeito aos direitos humanos. Há um parágrafo que ressalta:

¹ Kamii, Constance- *A criança e o número*

*A educação deve visar ao **pleno desenvolvimento da personalidade humana e ao reforço do respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais.** (Declaração Universal dos Direitos Humanos)*

Grifei o desenvolvimento pleno da personalidade e a questão da liberdade por considerar estes dois aspectos interdependentes, como desenvolvo a seguir. Gostaria de assinalar a consideração da personalidade em seu aspecto mais amplo, enquanto uma totalidade.

Saviani(1989) aponta como valor e objetivo da educação, a promoção do homem, por meio do conhecimento e transformação de sua realidade no sentido de ampliar sua liberdade. Aponta, então, quatro objetivos fundamentais para a educação:

Educação para a liberdade

Educação para a sobrevivência

Educação para a comunicação

Educação para a transformação

(Saviani, 1989:44).

Saviani concebe o ser humano por natureza autônomo, ativo, que se manifesta, reage, age e interage diante das situações da vida. Ele é capaz de ir além dos fatores que o condicionam, não sendo completamente determinado social, histórica ou psicologicamente. É agente e livre por natureza. A educação deve visar à promoção dessa condição natural muitas vezes reprimida e oprimida.

Paulo Freire (1975) enfatiza a necessidade de uma educação que desenvolva a liberdade no seu sentido mais amplo. Liberdade de pensamento, de valores e liberdade social.

A educação que pretende desenvolver a liberdade é absolutamente incompatível com qualquer espécie de dominação. Assim como de não imposição intelectual, social, cultural ou moral. A pedagogia proposta por Paulo Freire rompe com a sustentação educacional da dinâmica da dominação social que expropria o indivíduo de si mesmo e de sua cultura resultando em um processo de alienação.

Embora Piaget não tenha formulado um método pedagógico, sua teoria e seu método clínico ressaltam a autonomia como finalidade maior na educação. Considera que o pleno desenvolvimento envolva, necessariamente, a promoção de uma autonomia intelectual, social e moral indissociavelmente.

As idéias de liberdade e autonomia são correspondentes, e envolvem a questão do pleno desenvolvimento. Ser livre é poder e saber atribuir seus próprios valores às experiências da vida, considerando também a liberdade do outro (aspecto social). E refleti-las para transformá-las em função da valoração atribuída. Veremos a seguir esta relação entre educação, conhecimento, valores e liberdade.

Pressuponho uma educação que parte do princípio de que o indivíduo não é completamente determinado pelo meio, por aspectos hereditários ou psicológicos. O ser humano é dotado de criatividade. E seu potencial criativo é o responsável por sua ampliação, libertando-o das amarras dos padrões pré-determinados. Assim torna-se fundamental educar a criatividade.

Ao pensarmos em educação, naturalmente, pensamos em conhecimento. O processo do conhecimento parte da experiência, que é o encontro do sujeito com o mundo, objeto de seu conhecimento. A experiência ou relação do ser humano com o mundo é, em primeira instância, emocional. É sentida antes de poder ser compreendida.

O conhecimento é uma necessidade humana. Necessidade esta que visa à transformação do mundo e da realidade em função da

sobrevivência. Assim toda experiência propicia uma valoração. Tudo diretamente ligado à experiência passa a ter um valor positivo ou negativo para a vida e seu significado.

Valores são filhos diretos da relação homem mundo, gerados pela necessidade de sobrevivência e paridos pelo universo simbólico que o homem construiu (Duarte Jr. 1983:26).

A reflexão da experiência é que vai dar a ela um sentido, um significado, e encontrar símbolos capazes de apreender esta experiência e integrá-la à vida. É o sentido que dá à vida o caráter de existência. Embora a reflexão permita retornar à experiência por meio da memória, ela nunca se poderá igualar à experiência. Esta é única e muito mais completa em todos os sentidos. Por esta razão, não há um conhecimento que seja completo sem a experiência.

Sobre esta questão Rubem Alves² defende que não se pode, sob qualquer hipótese, desvincular o conhecimento racional das emoções nem dos valores. A experiência, base do conhecimento real, envolve o sentir e a atribuição de valores com relação ao fenômeno experienciado.

Assim, podemos concluir que o conhecimento humano se processa em duas fases. A primeira envolve os sentimentos ligados à experiência. O sentimento é a maneira de apreensão do mundo mais global. Nesta apreensão estão envolvidos os valores com relação ao fato vivenciado: se o fenômeno é sentido e apreendido como algo que ameaça a vida ou a existência, fatalmente receberá uma valoração

² Rubem Alves- *Notas introdutórias sobre linguagem.*” In Reflexão: Revista do Instituto de Filosofia da PUC.pp.21-39 Campinas, 1979.

negativa, e quando oferece possibilidades à mesma vida, terá um valor positivo.

A segunda fase é a simbolização. Mediante a linguagem, o ser humano pode retornar às suas experiências, refletir sobre elas e atribuir-lhes significados. Existem muitas formas de linguagem, por meio das quais se pode representar o mundo e as experiências que acontecem na interação com ele.

Dentre as diferentes formas de simbolização, destaco o brincar da criança, seu jogo de faz-de-conta onde a criança retorna repetidamente, tanto quanto necessário, às suas experiências com o mundo que observa, através do brincar.

A criança busca no jogo de faz-de-conta reconstruir no brinquedo aquelas experiências que ainda não pode compreender, mas que são significativas enquanto experiências da sua vida. Assim, podendo repetir sua experiência, pode refletir e torná-la significativa, transformando-a em conhecimento.

Neste sentido, vale lembrar a posição de Vygotsky³ sobre a importância da linguagem na estruturação do pensamento. Ele considera que além de uma função comunicativa, que é primordial, tanto para as crianças como para os adultos, a linguagem no início da infância adquire gradativamente uma função intrapessoal. Quer dizer, a criança internaliza a fala que se destinaria anteriormente a outra pessoa, e com isso ela passa a ter uma fala interior, capaz de regular seu comportamento.

O brincar, ou o jogo, com o passar dos anos, também é internalizado, transformando-se em uma capacidade de representação interna, imaginativa e de estabelecimento de relações.

³ Vygotsky, J. U.; *Pensamento e linguagem*.

É por meio da linguagem que o ser humano organiza o real. Fatos e objetos podem ser representados, abstraídos quando transformados em palavras capazes de trazer uma imagem mental, uma idéia, um conceito. A linguagem nos permite representar com muita eficiência o mundo exterior, mas não pode descrever profundamente os sentimentos. Os símbolos que pertencem à esfera dos sentimentos não são cognoscíveis pela linguagem conceitual.

...Pois o que uma obra de arte exprime – o curso da sensibilidade, sentimento, emoção, e o próprio élan vital – não tem correspondente em vocabulário algum. Mas o que ela transmite na realidade é apenas uma passagem inominada de “vida sentida”, cognoscível através de sua encarnação no símbolo artístico, mesmo que o espectador jamais a tenha sentido em sua própria carne. (Langer, 1980:388).

A arte exprime uma experiência do sentir, e os sentimentos, não podem ser expressos totalmente por meio da linguagem conceitual. Eles têm sua linguagem própria, simbólica que não pode ser totalmente desvelado. A obra de arte, tal qual um símbolo, não pode ser completamente decodificado e apreendido pela linguagem porque apresenta uma esfera emocional, repleta de sentidos.

É a arte que pode expressar simbolicamente os sentimentos. Ela utiliza símbolos que são próprios e exclusivos dos sentimentos e não podem ser transformados ou decodificados pela linguagem.

Da mesma forma que o conteúdo do discurso é o conceito discursivo, assim o conteúdo de uma obra de arte é o conceito não discursivo do sentimento; e ele é expresso diretamente

pela forma, a aparência à nossa frente.
(Langer, 1989: 87).

Toda obra de arte expressa um sentimento que não pode ser descrito ou traduzido. Ele está na própria obra, como que inseparável da experiência do artista, que é a obra de arte. Duarte Jr. afirma que:

...Uma obra de arte é sempre a expressão de sentimentos, porém uma expressão diferente de um grito ou um gesto. É uma expressão lavrada, concretizada numa forma, que adquire quase que o estatuto de um símbolo. Toda obra de arte é uma forma; nas artes dinâmicas como a música, a dança, o teatro, etc,...As formas construídas são formas dinâmicas...
(Duarte jr., 1981:75)

Que tipo de conhecimento a arte pode oferecer? Ela nos apresenta algo bastante especial, que somos nós mesmos, nosso mundo interno, nossa ordem interna e nossos sentimentos.

Assim, a principal função da arte é a objetivação dos sentimentos para que possam ser observados e compreendidos. Há experiências do mundo interno, nuances dos sentimentos e realidades interiores que não podem ser comunicadas pela linguagem convencional, eles têm símbolos próprios.

“A imaginação é para a sociedade o que os sonhos são para o indivíduo. Em toda utopia, trabalho artístico, fantasia religiosa e ritual mágico, a sociedade fala de seus sentimentos ocultos. Fala de suas frustrações, suas aspirações, e ainda desvela seus anseios reprimidos, os quais não podem ser articulados em linguagem comum. Como os sonhos, à

primeira vista parecem sem sentido. Tentando chegar a um significado por meio da lógica do senso comum tudo o que se consegue obter é a falta de sentido".(Rubem Alves, 1987:87).

A arte, por propiciar o conhecimento dos sentimentos, possibilita o desenvolvimento destes e sua educação, por meio dos símbolos pertinentes à experiência do sentir, diferentes daqueles conhecidos pelo pensamento lógico.

A arte é, antes, uma experiência do criativo; em primeiro lugar um contato profundo consigo mesmo e com a fonte criadora que é o inconsciente. Antes de ser forma e cor é imagem e sentimento; é adjetivo antes de se tornar objeto.

A arte, pode-se considerar indispensável à educação. A experiência do encontro com o mundo, na tentativa de conhecê-lo envolve os sentidos e os sentimentos e estes precisam ser também conhecidos e organizados para que gerem uma relação harmônica do indivíduo com o mundo. Reforçando: in-divíduo. A relação é do todo com o mundo: sentimento, pensamento e ação, gerando o conhecimento.

A experiência artística e o contato com a arte aumentam a bagagem simbólica relativa aos sentimentos, e as possibilidades de conhecimentos, organização e compreensão de suas minúcias. Podendo expressar ou saber onde encontrar os sentimentos expressos a pessoa tem um guia para identificá-los e compreendê-los.

Para um adulto enquanto espectador, a arte ou a experiência estética promove um equilíbrio entre razão, sentimento e imaginação: harmonizam-se aspectos intelectuais e emocionais.

Para a criança até início da adolescência, a arte apresenta um caráter um tanto diferente. Seu valor maior está na experiência completa que esta lhe proporciona. Assim, vale também ressaltar que,

há uma significativa diferença entre “ensinar” arte e proporcionar experiências artísticas.

O conhecimento artístico é também construído. A correção e orientação do trabalho artístico da criança (assim como de qualquer outro trabalho por ela realizado), além de gerar a dependência em relação ao adulto, impõe-lhe padrões estéticos e símbolos desvinculados de sua experiência. É impor-lhe uma resposta que ela não encontrou, e, portanto ainda não pode compreender.

A atividade artística da criança tem um objetivo: organizar suas experiências. É por meio da representação (seja por meio do desenho, do teatro ou da dança) que a criança objetiva suas experiências, articula e as relaciona, para poder integrá-las em sua vida de maneira harmoniosa e significativa.

A arte, ou atividade artística da criança a levará a criar um sentido para sua vida, e a experimentá-lo como algo genuíno, seu. Esta experiência de criação tem valor enquanto processo, e não se pode resumi-la ao produto, ainda que o produto tenha seu valor.

Não faz sentido analisar a arte da criança com detalhes técnicos, a partir de parâmetros estéticos adultos, pois sua arte visa à comunicação, principalmente consigo mesma, ao conhecimento de si e à organização de seu mundo interno.

O processo de construção de conhecimento para Piaget é como inventar algo novo. No momento em que a criança confirma suas hipóteses ela está criando dentro de si algo novo, que vai modificar em maior ou menor grau a estrutura já existente.

Na atividade artística a criança vai se construindo, se conhecendo enquanto um ser inteiro, em relação com um mundo cheio de significados e valores, com o qual se relaciona por meio de todos os seus sentidos, seus sentimentos e sua razão, que também se constroem neste processo.

Dentre todas as artes, o teatro, originalmente, como a mais antiga ocupa uma posição central. É a partir da representação do homem primitivo, personificando animais, espíritos ou situações de caça, que englobavam os movimentos ritmados, dançados, acompanhados de sons, originaram-se a dança (o movimento), a música (sons e ritmos que acompanhavam os movimentos) e a pintura (ilustração da atuação).

1.1 Origens do teatro

O teatro é a primeira invenção do homem

Augusto Boal

O teatro, desde sua origem, vem se transformando, de acordo com as necessidades de representação da sociedade. E, com ele, seu sentido, sua função. Enquanto produto social também sofre profundas transformações no decorrer da história.

Nesse trabalho, enfatizo as origens do teatro, sem adentrar a sua história posterior. Isso porque, como veremos a seguir, suas raízes têm significativa semelhança com a atividade dramática da criança, foco deste trabalho.

O teatro é um dos aspectos de uma sociedade, mas é um aspecto vital. Por sua própria natureza, o teatro pressupõe a comunicação – este é o processo social primário (Courtney, 1974:159).

A comunicação a que Courtney se refere, necessária ao desenvolvimento da sociedade, é a estabelecida entre indivíduos, mas principalmente a que acontece entre a sociedade e o indivíduo.

Courtney (1974) estabelece uma diferenciação entre o teatro, o jogo e o jogo dramático. Define o jogo como uma atividade a qual nos dedicamos por prazer, para desfrutá-la, simplesmente. O jogo dramático mantém a essência do jogo, mas envolve uma personificação, os papéis. E por fim o teatro é uma representação diante de uma platéia.

Para Boal (1996), o teatro, ou teatralidade é muito mais amplo, sua essência está na relação entre estes elementos: é o ser humano (espectador) se auto-observando, a partir da ação do outro ser semelhante (ator). Generaliza o teatro a toda ação assistida.

Ao ver-se percebe o que é, descobre o que não é, e imagina o que pode vir a ser. Percebe onde está, descobre onde não está e imagina onde pode ir. Cria-se uma tríade: EU observador, EU em situação, e o Não-EU, isto é o OUTRO.
(BOAL, 1996: 27).

A idéia de Boal aproxima-se da noção de jogo apresentada por Huizinga (1971). Sua reflexão sobre o jogo, enquanto fenômeno, nos mostra que o jogo é toda situação à parte da realidade, ele possui uma realidade autônoma e acontece dentro de delimitações físicas, temporais e de regras. Seja o jogo infantil, o jogo de palavras (metáfora), o jogo de cartas, o futebol ou os rituais dos povos “primitivos”.

Para Huizinga, assim como para Courtney o jogo envolve a pessoa, proporciona prazer, pois está preenchido de alegria. Ele tem um fim em si mesmo e não precisa de uma finalidade. Rubem Alves acrescenta ainda que:

O jogo tem uma finalidade ética e profética. Não porque ele tenha tal propósito, mas simplesmente porque representa a possibilidade de uma ordem social diferente. O brincar implica numa negação radical da lógica do mundo adulto.
(Alves, 1987:87).

Assim o jogo nos apresenta duas características importantes: a liberdade e a ordem. Liberdade por propiciar uma evasão do mundo real e a criação de uma nova realidade que é o campo do jogo. Toda essa liberdade envolve uma ordem própria.

O jogo é ordem e cria ordem. Introduce na confusão da vida e na imperfeição do mundo uma perfeição temporária e limitada, exige uma ordem

suprema e absoluta: a menor desobediência a esta “estraga o jogo”, privando-o de seu caráter próprio e de todo e qualquer valor. É talvez devido a esta afinidade profunda entre a ordem e o jogo que este, como assinalamos de passagem, parece estar em tão larga medida ligada ao domínio da estética. Há nele uma tendência para ser belo...As palavras que empregamos para designar seus elementos pertencem quase todas à estética. São as mesmas palavras com as quais procuramos descrever os efeitos da beleza: tensão, equilíbrio, compensação, contraste, variação, solução, união e desunião. (Huizinga, 1971:13).

Esta afirmação de Huizinga nos aponta o jogo, que em sua essência tem caráter dramático, como fonte de todas as artes, sendo que as artes dramáticas conservam as características do jogo de forma bem acentuada.

Ainda nesse sentido, podemos concluir, com respaldo de todos esses autores que o jogo, seja ele dramático, infantil, musical ou de palavras, é um fenômeno intrinsecamente ligado à vida enquanto atividade prazerosa e libertadora, e a ela necessária por sua ação significativa.

O teatro tem sua origem no jogo, e no jogo em si, encontramos a característica da representação. Fontes bastante remotas apontam a existência de ações dramáticas em ritos e rituais, religiosos e fúnebres, em cultos e representações sagradas dos povos primitivos.

Nos ritos, dos quais nasceram os rituais, os homens primitivos representavam situações de caça, enfrentamentos e lutas, como uma

maneira de se preparar para o evento em si, acreditando que o representado, de forma mágica aconteceria. Usavam disso para se proteger.

O teatro na comunidade primitiva tem função psicológica, sociológica e religiosa (mágica). O homem como caçador tem uma necessidade específica do teatro (Courtney, 1974: 160).

Conforme o homem foi se fixando em alguns lugares e passou a depender da agricultura, passou dos ritos para os rituais, formalizando suas práticas religiosas, mas mantendo o pensamento mágico.

Nos rituais, a representação de papéis é tida mais como uma incorporação e não tem função de espetáculo, mas de um jogo de papéis, de que todos os presentes fazem parte e podem experimentar a relação com uma figura divina, ou com mortos, heróis e outros personagens.

Nesses rituais primitivos, os papéis consistiam em figuras de grande representação coletiva, figuras arquetípicas. A personagem, nesse contexto era “encarnada” por um representante religioso ou por pessoas especiais daquela comunidade. Aquele que atua, deixa-se tomar completamente pela personagem, sua personalidade é temporariamente deixada de lado para manifestar o outro. É um fenômeno de “possessão”. Esta só ocorre naquele contexto, sob condições especiais próprias de um ritual.

No culto aos deuses, a representação teatral possibilitava uma certa humanização dos deuses e sua presença próxima aos homens. Era como se trouxessem o próprio deus a terra e assim pudessem agradecer-lhe, fazer-lhe pedidos, enfim, relacionar-se com ele na medida de sua necessidade.

Nos dois casos, dos rituais e do culto aos deuses, o objetivo era muito mais de obter um benefício psicológico, pois se relacionavam com aspectos da própria psique, e assim podiam organizar-se, curar-se e expurgar emoções das diversas naturezas, tanto individualmente como coletivamente. Serviam para “assegurar” elementos que estavam fora de seu alcance, como a fertilidade, a sorte, a boa colheita, a força.

A distância desses eventos para o teatro em si, é a consciência que se tem de que se está realizando uma representação. No teatro, o homem imita a vida, imita a natureza e os outros homens, e sabe que está imitando. O desejo de imitar, de ser o outro faz parte do repertório do comportamento humano desde os primórdios da humanidade, em forma de jogo. Também, faz parte de diferentes fases do desenvolvimento humano, até nossos tempos.

A aceitação do nascimento do teatro nos rituais e cerimônias não cerceia o caminho a outras deduções que podem ser extraídas de seu processo de aparecimento: há uma forma que se constrói e há os seus reflexos no campo da Psicologia coletiva, da Psicologia individual e na gestação de uma modalidade de arte. O instinto de imitação está igualmente, é certo, nos primeiros momentos do teatro, é o que se pode chamar de fundamentos da individualidade. Pouco elucidada, porém, dos aspectos de relação do teatro – assim compreendido o ato de comunicação entre quem representa e quem assiste – porventura os de mais relevância, uma vez que ele, o teatro, é esse comércio de emoção e de inteligência, não um movimento psicológico que a si mesmo se baste e em si mesmo termine. (Araújo, 1978:45).

Gradualmente, em um intervalo de tempo relativamente curto, o teatro deixou de ser uma representação totalmente religiosa para dar lugar a uma expressão de conteúdos religiosos (por meio dos mitos). Inicialmente em templos, para posteriormente ganhar um espaço próprio, deixando de ser religioso para se tornar “profano”.

A partir da divisão de sacerdotes e celebrantes no templo, o teatro desenvolveu a divisão entre atores e público. (courtney, 1974:161).

Podemos perceber duas perspectivas terapêuticas no teatro. A primeira nos rituais, onde se pretendia lidar com as emoções, outra na possibilidade de se ver no outro, pois ao observar-se ao ver-se e ouvir-se o indivíduo pode conhecer a si mesmo, sua dinâmica interna e seus sentimentos.

A partir do teatro, e da evidência de suas propriedades terapêuticas desenvolveu-se o Psicodrama, que consiste em um método terapêutico onde o indivíduo relaciona-se dramaticamente com os outros. Tratando-se de uma técnica psicológica deve ser conduzida por um profissional preparado para tal.

O Psicodrama é baseado em uma teoria da personalidade considerada “sócio interacional”, onde o eu é considerado como uma soma dos papéis que o indivíduo representa em todas as suas inter-relações.

A dramatização, assim como realizada no Psicodrama, permite que o indivíduo represente e recapitule situações significativas de sua vida, problemas e conflitos, em um contexto terapêutico, mais amplo, livre e flexível, e possa, nessas condições elaborá-los.

2.2 –Teatro na Educação

O teatro infantil existe e é o método pelo qual a criança cresce e amadurece.

Courtney

A escola é o ambiente onde a criança estabelece suas primeiras relações sociais, que são vínculos diferentes dos familiares, requer uma constante adaptação, pois se defronta com a diferença, com o desconhecido e precisa aí, junto com o grupo encontrar meios e normas para a convivência e a produção coletiva.

E, se o teatro permite ao sujeito observar-se, se ele apresenta as mais diversas formas de relação favorecendo o conhecimento do sujeito e das relações que se estabelecem na sociedade, então ele é, por natureza, educativo, sem dúvida. Contribui na construção do conhecimento sobre as relações, sobre o ser humano.

O teatro pode se aplicar à educação, basicamente em quatro vertentes: como uma peça teatral a ser apreciada, revelando toda a magia do teatro enquanto Arte; como uma peça teatral educativa; como recurso metodológico auxiliar na aprendizagem de diferentes disciplinas, em sala de aula; ou como uma prática artística específica.

O teatro profissional dirigido ao público infantil e jovem tem uma grande responsabilidade, pois introduz um público no universo teatral e educa essa platéia para a apreciação dessa arte.

A utilização do teatro profissional como um recurso educativo, apresenta resultados muito interessantes, pois encontra na ação dramática sua melhor condição para atingir seu espectador-educando o mais amplamente possível, já que a identificação e a mobilização emocional é muito intensa na relação com uma obra teatral.

Nesse sentido, o teatro pode ter uma influência muito positiva no comportamento dos estudantes, apresentando-lhes referências alternativas de autoconceito, identidade e compromisso com as pessoas, como observou **Barbara Rothman** (1997), quanto ao efeito que uma peça teatral pode exercer sobre os estudantes.

Vários projetos educacionais são desenvolvidos a partir de uma peça teatral. **Carol Miller** (1996) mostrou como um professor dirigiu a peça *No more secrets*, focalizando a prevenção de abuso sexual em crianças. Afirma que as crianças transferem o conhecimento sobre o abuso sexual e liberam suas experiências emocionais, encorajando-se para revelar o abuso que sofrem.

Portanto, não só o exercício teatral, mas também a contemplação de uma obra teatral possibilitam esta experiência que integra os sentidos, os sentimentos e o intelecto no processo de conhecimento.

A condição lúdica do teatro favorece a motivação dos alunos quando associado a alguma disciplina, tornando as aulas muito mais dinâmicas e os conteúdos mais integrados ao processo de aprendizagem.

E por fim, temos a prática do teatro como atividade educativa. Nesse sentido, o teatro tem seu método próprio de educar e de produzir conhecimentos, sendo uma forma de livre educação, que leva a um reconhecimento da teatralidade que é inerente ao ser humano, mas que é muitas vezes abandonada ao longo da infância.

O exercício teatral, ou o teatro, é um exercício social, um laboratório humano onde se experimentam e se testam relações, onde se descobrem e se redescobrem sentimentos (que podem estar presentes nas relações) e se criam, se descobrem coisas sobre o ser humano que somos.

O teatro é uma oportunidade para as crianças desenvolverem habilidades de interação social e pensamento crítico, consistindo em um recurso educacional muito rico viável ao desenvolvimento das crianças, como **Lou (2000)** considera.

Blatner (1995) define o teatro na educação como higiene mental, e até como um meio de prevenção psiquiátrica, desenvolvendo hábitos de autocuidado. Mostra em seu trabalho (*Drama in education as mental hygiene: a child psychiatrist's perspective.*) que os *role-playing* ajudam bastante no desenvolvimento de habilidades metacognitivas e promovem higiene mental durante seu processo.

O teatro mostra, entre outros, um importante valor emocional, pois possibilita uma válvula de escape por meio da qual a criança pode realizar uma catarse emocional e aliviar sua pressão interna.

O teatro vem do jogo, e não deixa de ser um jogo, uma vez que envolve pessoas compartilhando uma experiência à parte da realidade, dentro de delimitações de espaço, tempo e regras. Porém caracteriza-se por um jogo essencialmente dramático, pois contempla a presença marcante da personificação, seja como imitação, seja como criação, mas evidencia características de personalidade de uma personagem.

Então na prática do teatro educacional, encontramos os jogos dramáticos, como exercício teatral, a improvisação ou criação dramática espontânea e podemos contemplar, ainda, a criação teatral propriamente dita, em forma de peça teatral que vai envolver uma platéia.

Os jogos dramáticos são utilizados como exercício teatral, principalmente como aquecimento. Envolvem situações imaginárias, que constituem o campo do jogo e os participantes entram no jogo como personagens para desempenhar um determinado papel.

A improvisação dramática, partindo do próprio jogo, caracteriza-se por uma ação dramática previamente preparada por um grupo, podendo partir de um tema escolhido pelo grupo ou sugerido pelo professor.

O ser humano desde os tempos mais remotos já utilizava o jogo dramático, assim como a criança, naturalmente, o inclui em seu repertório de brincadeiras desde muito cedo, tornando-se parte indispensável no processo de desenvolvimento.

O jogo dramático é um brinquedo que permite à criança expressar-se por meio de seu corpo e sua voz. Interagir e relacionar-se real ou imaginativamente com pessoas e situações de sua vida e de sua fantasia conforme seu desejo ou necessidade.

O jogo dramático é antes de tudo uma maneira da criança pensar, comprovar, relaxar, ousar, criar e absorver. (SLADE, 1958: 17).

Observo que ainda que ao brincar a criança encene a “realidade”, utilizando-se de uma situação imaginária em que estará representando seu papel da vida real, ela age em função de regras próprias que estabelecem o que ela pensa que deveria ser, e não necessariamente o que é de fato. Como no caso de representar o papel de filha, ela representaria o que ela acha que uma filha deve ser, que pode não corresponder diretamente ao que ela é.

Assim, o brincar dramático funciona como um sistema de autocontenção e autodeterminação (como diz Piaget), em que a criança se utiliza de uma regra interna. Em resumo, o jogo dramático cria na criança uma nova forma de desejos. Ensina-a desejar, relacionando seus desejos a um eu fictício, ao seu papel no jogo e suas regras.

Quer dizer, por envolver uma situação imaginária, o jogo dramático envolve também um repertório de regras de comportamento

que definem um determinado "papel", direcionando e oferecendo limites às ações da criança na brincadeira.

O jogo dramático abre a perspectiva de recuperar toda experiência outrora vivida ou imaginada; podendo reviver a experiência, pode-se também reformular o que já era conhecido amplificando e ampliando as referências do indivíduo.

Entendo que a prática do jogo teatral apresenta uma perspectiva bastante salutar à educação, do ponto de vista psicológico, por possibilitar a integração da criança: corpo-emoção-pensamento.

E a grande riqueza da realização, observação e sobretudo da prática de um jogo dramático está no fato de que a experiência intelectual obtida não está desvinculada da experiência emocional e sensibilidade.

Os exercícios dramáticos colocam a criança em contato direto com suas emoções, abrindo-lhe a possibilidade de conhecê-las, lidar com elas e expressá-las. Jogando com elas simbolicamente.

Toda experiência de um jogo dramático pode ser facilmente transferida para uma situação real. Assim sendo, possibilita que a criança experimente diversas maneiras de lidar com suas experiências e seus conteúdos internos, sendo a dramatização uma maneira de a criança pensar sobre eles.

Em suma, o jogo dramático faz parte do repertório de jogos de qualquer criança. Ninguém precisa ensiná-los, pois constituem a base da atividade infantil e expressamente essenciais ao desenvolvimento da criança, pois de maneira natural e espontânea ela consegue solucionar seus conflitos, o que contribui ativamente com sua maturação.

O jogo dramático é um brinquedo que se apóia na improvisação, que tem por finalidade a libertação da criança, levando-a a adquirir

novas linguagens, domínio corporal e emocional e ter acesso à linguagem teatral.

Da mesma forma que nas outras artes, o teatro na educação não tem finalidade artística e sim educativa. A criança não precisa interpretar uma personagem, mas experimentá-lo e brincar de ser essa personagem, reconhecer-se nele e assim poder se conhecer.

Diferente do jogo dramático, o teatro envolve uma maior elaboração da ação dramática e parte de um texto, uma estória ou situação previamente definidas, enquanto o jogo dramático desenvolve-se de maneira livre e espontânea. Porém é o jogo dramático, seja ele espontâneo ou proposto, que alicerça a representação teatral.

Leenhardt (1977) define o teatro como a arte de parecer, de exprimir a realidade representando-a, a arte de mostrar a vida sem a viver. Ele repara a idéia de que o ator torna-se a própria personagem, ressaltando que o ator mesmo não deve identificar-se profundamente com o papel, e que seu esforço é no sentido de traduzir o pensamento de um outro e não o seu próprio. Entendo que esta definição refere-se ao teatro profissional, com finalidade artística.

A criança não tem ainda acesso ao processo psicológico necessário à representação teatral mais formalizada. Isto porque a criança, ao jogar, imagina que de fato está exprimindo a realidade, e esta é sua intenção, enquanto o ator tem consciência de que se trata de uma aparência e tem recursos para diferenciar aquilo que é seu do que corresponde à personagem.

A representação teatral enquanto técnica educativa pode definir-se dentro de duas vertentes, a princípio: uma que busca o desenvolvimento da capacidade de expressão pela da disciplina do corpo, dos desejos e das emoções para obter uma vida equilibrada; e outra que, sem estabelecer uma oposição nítida a esta tendência, releva os aspectos da sensibilidade e do sentido artístico, privilegiando

a expressão dramática como suporte da imaginação e por consequência, de todas as formas de expressão artística.

Courtney(1974) fala de uma educação dramática ao invés de teatro educacional. Para ele, o teatro em si, vai sendo inserido no processo de educação dramática no início da adolescência. Até esse momento, a criança pratica os jogos dramáticos com fim em si mesmo, direcionados para o seu desenvolvimento.

Para o teatro educacional, o processo de criação e a experiência vivencial é que devem ter qualidade, e não o produto deste processo. Poucas crianças podem realizar um bom teatro, uma brilhante interpretação, mas não há que se preocupar tanto com o resultado artístico, e sim com o desenvolvimento, o mais integral possível das crianças, valorizando, sempre, o processo de trabalho acima do produto final, lembrando que um processo de trabalho de boa qualidade vai gerar um bom produto final. Mas um produto que agrada ao adulto nem sempre é fruto de um bom processo para a criança.

Também para **Leite(1980)**, o objetivo do ensino de teatro na escola, não é de formar atores, mas de contribuir para a formação global do aluno. Por isso deve-se evitar desviar-se para um outro objetivo como montar uma peça para exibir aos pais, atentando-se para não facilitar a contaminação pela vaidade, que pode comprometer, até mesmo, a sinceridade na representação dos papéis.

Em caso de inclusão de uma platéia no “exercício dramático” ou espetáculo teatral realizado por crianças, esta deve ser constituída pelo próprio grupo das crianças, por seus pais e ser realizada dentro do ambiente escolar. O produto desse processo pode ser compartilhado, aliás, as crianças esperam por isso, mas dentro de seu grupo de colegas e pais, com zelo e cautela.

Quando a preocupação volta-se para uma “boa encenação”, é fatal que se incorra em um erro grave: escolher crianças bem dotadas para

realizarem o teatro, transformando o teatro em um meio de exclusão muito claro, e estimulando nas crianças um cabotinismo que corrompe o processo educativo.

Assim, quanto mais livre e espontâneo for o processo criativo, quanto mais se possibilitar a manifestação autêntica da criança, mais adequado e produtivo será o teatro educacional.

O que parece ser consenso é que os jogos teatrais são poderosos recursos, completamente viáveis e à disposição do educador, para promover amadurecimento emocional, intelectual e social em seus educandos.

Outra possibilidade, porém delicada, é a utilização do “teatro livre” na escola, onde o grupo vai avaliar limites, erros e acertos de cada um, podendo abrir caminho para um psicodrama. O professor nem sempre está preparado para acolher e trabalhar com o fruto dessa prática adequadamente, podendo expor a criança e oferecendo risco à sua integridade e à do grupo.

Basicamente devem ser focalizados nas aulas de teatro na escola, ou na educação dramática: a improvisação, que pode ser livre ou orientada (denominada teatro criativo, por Slade), o movimento criativo, a linguagem criativa e a encenação propriamente dita, seja de um texto escrito (preferencialmente pelas próprias crianças), seja de uma estória previamente conhecida, cujo texto é deduzido, e não formalizado (caracterizando-se quase como uma improvisação).

Vários autores defendem a exclusão dos textos prontos das atividades dramáticas com jovens e crianças, a fim de favorecer o processo de criação, de construção da imagem cênica que se quer comunicar, evitando a submissão às idéias de um autor.

O texto, para a criança e para o adolescente, já se torna uma barreira à expressão, pois, preocupados com a palavra, estes reduzem

sua representação à palavra fixando-se na fala e deixando de lado toda a expressão corporal e visual; e o teatro precisa ser completo, envolvendo todo aspecto visual corporal e cênico.

O teatro requer da criança uma comunicação cada vez mais eficiente, e os exercícios permitem que ela experimente diferentes maneiras e recursos para se comunicar, enquanto o grupo dá a ela o *feedback*, em que ela perceberá a distância entre o que pretendeu comunicar e o que de fato comunicou, dando-lhe a oportunidade de aprimorar-se. Aí entra a qualidade de encorajador e nutridor do responsável pelo grupo. Para esse aprimoramento, a criança vai, mediante os exercícios dramáticos, adquirindo controle verbal e de seus movimentos corporais.

Considerando que o teatro em sua maior parte constitui uma atividade grupal, seu exercício conduz ao aprendizado do trabalho cooperativo, organizado e ao sentido de grupo (ou sociedade). E aplicado à educação, possibilita um maior ajustamento individual e grupal, por proporcionar um melhor conhecimento de si mesmo e do outro.

As salas de aulas da grande maioria das escolas são formadas por excessivo número de alunos, e possibilitam pouquíssimas oportunidades de relacionamentos interpessoais, trocas e “exercício” de grupo. Com isso limita-se muito as possibilidades de confronto de idéias, troca de experiências e aprendizagem social.

Outros espaços, mais férteis para a aprendizagem social e o inter-relacionamento precisam ser estabelecidos. E atividade teatral se constitui útil e agradável, nesse sentido, mas requer condições diferenciadas das de sala de aula.

Entendendo-se por educar a descoberta e utilização de maneiras diversas de contribuir efetivamente para o desenvolvimento do ser

humano em direção à sua autonomia, contribuindo, conseqüentemente, para a sociedade em que este indivíduo está inserido e da qual se faz transformador, é que se entende o teatro como um meio, um recurso de e para a educação.

Lopes(1989) aborda o teatro como uma prática de educação e de educação da criatividade. Considera-o como uma forma de arte popular e que devolve ao indivíduo sua condição original de “ser bem e propriedade comum” e, sendo um meio de educação popular deve poder ser praticado por todos os que queiram uma transformação social.

A riqueza da expressão dramática está em seu aspecto de totalidade. Ela possibilita e propõe diversificadas formas de expressão verbal, gestual, corporal, musical ou até mesmo plástica, por meio da improvisação, seja ela livre ou direcionada por um determinado tema que guia a imaginação da criança. O educador vai orientar, às vezes dirigir e supervisionar o desenrolar do jogo da criança, tornando-o uma prática educativa da expressão.

Leenhardt(1977) aponta para uma falta de discussão e propostas políticas que transformem o enfoque da expressão, e que se dediquem a avaliar o lugar da expressão dramática na escola, a fim de instituí-la significativamente no quadro escolar.

Para que a escola possa desempenhar esse papel de incitadora da expressão infantil, deve poder contar com psicólogos acompanhando as atividades de expressão das crianças. Pode lhes ser mais compreensível, que a outros profissionais, exercendo uma ação mais preventiva que a usualmente exercida nas escolas.

Para que possa ocorrer qualquer mudança efetiva na educação, há que ser realizada a partir da escola, porque é onde a criança está, onde mais estabelece relações sociais, onde se forma ou se deforma. Assim sendo, é justamente da escola que deve partir a busca de todas as possibilidades de expressão da criança.

A “defesa” das possibilidades de expressão da criança vem de áreas diferenciadas, mas são concordantes entre si. Para a psicologia trata-se de uma capacidade pessoal e de equilíbrio que auxilia o desenvolvimento do indivíduo numa das fases mais importantes de sua vida, a infância. Para o pedagogo (professor), contribui para construção de um sujeito crítico, comunicante, expressivo, na formação de sua personalidade e dá abertura à sublimação da linguagem artística. Para o sociólogo, a importância dada à expressão cria recursos materiais e psicológicos (mais que intelectuais) para o desenvolvimento de indivíduos capazes de destinar seu tempo ao ócio e à criatividade, constituindo uma sociedade mais feliz.

Mas entendo que quando defendemos a expressão, lutamos pela liberdade e ajudamos a resgatá-la nas instâncias onde está perdida. Aquele que não pode se expressar (por não saber, não conseguir ou não ser permitido) deixa que os outros o façam em seu lugar, cedendo seu lugar de ser e estar no mundo a outro. E com isso deixa de existir, despindo-se de si para uniformizar-se de um outro qualquer.

Percebo no teatro uma enorme possibilidade de se pensar e se aprender sobre o ser humano em sua relação com o mundo, com seu momento e com os outros seres humanos. Preservando e reconstruindo seus valores, emoções, imaginação e criatividade, que vem se perdendo e se desvalorizando nos últimos tempos, deixando-o vazio de existência.

Metodologia



Capítulo 2

*"Cantá seja lá como for
Se a dor for mais grande que o
peito
Cantá bem mais forte que a dor*

...

*Cantá nossa vida e a roça
Nas qual germina as semente
As que dão fruto na terra
As que dão fruto na gente"*

(Gildes Bezerra)

Problema

A participação do teatro no contexto escolar vem sendo defendida por muitos e há muito tempo. No decorrer de nossa história, sofreu valorização e abandono, muito provavelmente em função de circunstâncias políticas, visto que enquanto prática educacional, oferece um sensível potencial de libertação, por favorecer a criatividade, a consciência social e de si próprio e o pensamento crítico.

...Estaremos cada vez mais ajudando o desenvolvimento da criança e do jovem, bem como do adulto, no hic et nunc, em que o exercício improvisacional leva a uma liberdade criadora, coisa que nenhuma forma, estrutura ou regime autoritário conseguem suportar (Chacra, 1983:105).

E, valorizando novamente o teatro e as artes na educação, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) propõem que sejam incluídos nas atividades escolares. Mas como? Que objetivos terão de fato escolas e os PCNs?

As exigências escolares parecem que vêm crescendo muito, talvez em função da velocidade exorbitante que as informações adquiriram com os avanços tecnológicos. E as escolas, esforçando-se por acompanhar, acabam enfatizando cada vez mais o desenvolvimento intelectual e a produção em detrimento de outros aspectos igualmente importantes. O teatro, como as outras artes acaba desvalorizado ou utilizado a serviço do intelecto, perdendo, de certa forma seu sentido mais amplo.

Mas e as crianças? O que querem dizer aqueles olhinhos brilhantes quando são convidadas a participarem de um grupo de teatro? O que anseiam? E seus pais quando insistem

desesperadamente para que seus filhos tenham uma vaga no grupo com as justificativas: “Vai ajudá-lo muito” ou “Ele está precisando?”.

Nestes anos de experiência, observei que, talvez, mais intuitivamente que conscientemente, as crianças procuram um espaço para experiências criativas, para libertar seu potencial expressivo que sofre tantos limites no dia-a-dia.

Quando realizo avaliações no final dos semestres, as crianças relatam satisfação com a possibilidade de criar livremente, com a experiência dos jogos de improvisação que lhes oferece muitas possibilidades, tornando-as mais espontâneas, verdadeiras e capazes de se expressar abertamente (algo que não é possível em sala de aula, pelo próprio contexto de ensino, número de alunos nas salas e exigências a serem cumpridas).

Diante dos olhares das crianças, revivo os doze anos que trabalhei com teatro como atriz e posso reconhecer e falar com elas sobre os sentimentos que os jogos e as montagens teatrais despertam.

O teatro nos deixa apaixonados, vibrantes, pela sua ampla possibilidade criativa, pelo efeito que tem sobre a auto-estima, e pela experiência de grupo.

No mundo moderno a pessoa é menos valorizada que aquilo que ela pode produzir, e na educação isto também acontece, preterindo as artes e, portanto o teatro, aos conteúdos intelectuais. Barone (1977) atenta para o fato de que são os artistas, educadores e pesquisadores que amam teatro, crianças que podem ajudar a garantir um espaço significativo para o teatro e outras artes na educação.

Assim, como educadora, pesquisadora e artista, proponho-me a encontrar caminhos, ou apontar os já encontrados por diversos autores, para a inclusão do teatro no âmbito escolar, procurando garantir e preservar sua qualidade e sentido da promoção de uma educação integral da criança, envolvendo os sentidos, o corpo, os sentimentos, a

imaginação, e a criatividade. A fim de que o teatro não se torne mais e apenas um conteúdo intelectual, e sua orientação não siga um padrão autoritário e exibicionista (valorizando apenas o produto); e para que exista dentro da escola, um espaço reservado ao processo educativo mais amplo e integral. Acreditando que, com uma orientação adequada, o teatro pode oferecer muitas contribuições psicopedagógicas, e ajudar significativamente no desenvolvimento saudável das crianças.

Objetivos

O objetivo desta pesquisa é analisar o depoimento das crianças que têm a oportunidade de participar da atividade específica de teatro na escola e com isso:

- Rever o lugar do teatro na Educação a partir do estudo teórico e prática educacional.
- Discutir as propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais a partir do estudo realizado.
- Propor uma utilização psicopedagógica do teatro aplicado à educação.

Justificativa

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) sugerem a inclusão de teatro, dança, música e artes plásticas na escola de ensino fundamental com alguns objetivos e sugestões.

As escolas, quando propõem uma atividade desta natureza têm seus objetivos e expectativas com relação ao produto desta atividade.

Os professores, por sua vez, muitas vezes utilizam o teatro como um recurso metodológico para motivar e auxiliar no processo de aprendizagem de suas matérias.

E, por fim (e particularmente o que mais me interessa), as crianças, que são o centro do processo educacional, têm suas

expectativas, seus objetivos, suas idéias e seus desejos com relação ao teatro.

Há encontros e desencontros entre crianças, escola e PCNs; entre teoria, proposta e prática; entre expectativas e objetivos. É preciso encontrar um caminho para que o Teatro não perca sua condição essencial de educação e libertação.

Sujeitos

Este estudo foi realizado com um grupo de teatro de quinze alunos de terceira série do ensino fundamental, com idade entre nove e dez anos, de uma escola particular da cidade de Campinas. O grupo foi formado por intermédio de um sorteio realizado nas salas de aula, entre as crianças com interesse e disponibilidade para freqüentar o curso que acontece fora do período regular de aulas (o teatro é de manhã e as crianças estudam à tarde).

Local

Há na escola uma sala reservada às atividades de teatro, ampla e sem móveis onde foram realizadas as aulas e as avaliações.

Material

Para fim de coleta de dados, foram utilizados os seguintes materiais:

- ❖ Dissertação das crianças sobre suas experiência com o teatro, utilizada como recurso de avaliação no final do semestre.
- ❖ Questionário de auto-avaliação e reflexão a que as crianças respondem ao final do semestre.

O questionário de avaliação tem a finalidade de realizar uma avaliação e reflexão sobre o semestre e elaborar novas propostas com

a participação das crianças. Como a maioria das crianças dessa faixa etária apresenta respostas bastante resumidas e abstratas (como legal, tudo, nada), elaborei um questionário com vários quesitos inter-relacionados e até repetidos com outras palavras para tentar provocar uma resposta mais completa sobre uma questão central mais ampla: “Como a criança avalia sua experiência com o teatro, e os benefícios que extrai dela”.

Pode-se observar que as crianças falam de um aspecto importante, abandonando outros, e a presença de várias perguntas possibilita questionar vários aspectos, valorizando, evidentemente aquele que a criança elegeu como o mais importante.

A observação das respostas encontradas em questionários de avaliação aplicados em outras turmas surpreendeu quanto ao sentido da clareza de expressão de várias crianças, e do quanto se sentiam beneficiadas e felizes por participarem das aulas de teatro.

Procedimentos

O grupo de teatro teve uma aula semanal, com duração de duas horas, onde foram realizados exercícios teatrais de improvisação (alguns são sugeridos por Olga Reverbel, Augusto Boal ou Viola Spolin), criações espontâneas e montagens cênicas a serem apresentadas aos colegas e familiares.

No primeiro semestre as crianças realizaram uma montagem em vídeo, a partir de uma estória adaptada pelo grupo em função dos personagens que queriam inserir nela. E no segundo semestre as crianças realizaram uma montagem teatral com criação de texto, cenário, roupas, etc. que apresentarão aos seus pais e aos colegas de sala.

Ao final de cada semestre foi realizada uma avaliação por meio do questionário de avaliação individual e uma dissertação livre sobre as atividades de teatro.

Análise de dados

Os resultados obtidos foram transcritos e organizados com a ajuda de uma tabela com duas colunas. Uma coluna com a transcrição das falas das crianças e a outra destinada ao passo da análise como descreverei em seguida.

A análise de dados será baseada, em partes, na análise de conteúdos proposta por Bardin (1977). De acordo com o autor, os dados brutos, que são as falas das crianças, serão submetidos a uma transformação sistemática para melhor representação do conteúdo, que eu chamaria de uma interpretação objetiva.

Estes dados serão tabulados e agrupados por analogia em categorias e inseridos na tabela.

Na coluna da esquerda estarão localizadas as respostas das crianças, na coluna da direita a fala da criança transformada de forma que o conteúdo seja representado de maneira mais clara, como propõe Bardin em sua análise de conteúdo, e em seguida será realizada a análise do conteúdo, que eu chamaria de uma interpretação reflexiva, de todas as respostas de cada grupo analógico.

Retrospectiva do trabalho desenvolvido



Capítulo 3

*Há um menino, há um moleque
Morando dentro do meu coração
Toda vez que a tristeza me
alcança
Ele vem pra me dar a mão...
E me fala de coisas bonitas
Que eu acredito que não
deixarão de existir: amizade,
palavra, respeito, caráter,
bondade, alegria e amor...*

(Milton Nascimento&Fernando Brant/Bola de meia, bola de gude)

A montagem e realização de um espetáculo teatral dentro de um âmbito profissional envolvem uma grande equipe, começando por um Diretor e um elenco de atores, sonoplasta, figurinista, iluminador, cenógrafo por ele escolhidos de acordo com sua idealização da peça.

O Diretor, com um texto teatral previamente escolhido, reúne o elenco, e realiza a leitura do texto, já atribuindo os papéis aos atores que considera mais aptos a cada personagem. Após algumas leituras iniciais, o Diretor passa aos ensaios onde realiza as marcações, ou seja, determina a posição e os movimentos das personagens em cada cena. Também algumas características e traços dos personagens são por ele dirigidos.

De acordo com o tema do texto escolhido, das personagens da estória, realiza-se uma pesquisa para aprofundar o conhecimento sobre cada assunto a fim de tornar mais rica a interpretação dos atores e a realização do espetáculo como um todo.

Paralelamente aos ensaios, outros elementos do espetáculo, de grande importância, começam a ser determinados, como a iluminação, o cenário e os adereços cênicos, os figurinos e a trilha sonora.

Alguns Diretores centralizam a realização do espetáculo em suas próprias idéias, determinando minuciosamente tanto as personagens e o trabalho dos atores como de todos os outros profissionais envolvidos. Outros realizam um trabalho diferente, contando com uma participação mais efetiva da equipe no processo de criação e não só na execução.

No teatro educacional, não seguimos necessariamente esse tradicional esquema, principalmente com as crianças. O grupo responsabiliza-se por praticamente tudo: texto, cenário, figurino, adereços, músicas e iluminação (quando há recursos). A direção tem um enfoque diferenciado, também, como comento a seguir.

Reservo este espaço para uma breve descrição e alguns comentários sobre as atividades desenvolvidas com grupos de teatro infantil, não me restringindo apenas ao grupo observado para esta pesquisa no que se refere aos procedimentos de aulas, mas recapitulando momentos significativos do trabalho que venho desenvolvendo nos últimos quatro anos.

Tenho defendido o teatro, não como uma aula ou uma disciplina a mais, mas como um laboratório. Um laboratório humano, onde se realizam experiências com formas de expressão, onde inventamos personagens, experimentamos sentimentos e criamos estórias. Com o pressuposto de que as atividades são experiências, e que, portanto, as hipóteses serão conhecidas e avaliadas após serem experimentadas, consideramos a possibilidade de “errar” como parte natural do processo. Pretendia, assim, criar um clima de maior liberdade em nossos encontros, procurando evitar que o medo de não fazer certo representasse um obstáculo à atuação das crianças.

Sempre estabelecemos logo de início um tipo de acordo, com relação ao respeito às expressões de cada pessoa naquele espaço, considerando que manifestações negativas tendiam a desencorajar os colegas em novas tentativas, e que isso em nada contribuiria com nosso trabalho, e que teríamos um espaço reservado para avaliar o que estávamos fazendo. Esse acordo era lembrado nos primeiros encontros, e talvez em algum outro momento, mas não me recordo de ter presenciado qualquer evento que ferisse esse combinado. Penso que talvez tenha conseguido, com isso, um espaço protegido, favorável à livre expressão de cada um.

Os objetivos do laboratório de teatro são o desenvolvimento da criatividade das habilidades de comunicação e expressão, educação dos sentimentos e a espontaneidade. Algumas técnicas são

apresentadas, como meio e não como fim, sendo este mais voltado para o desenvolvimento integral e educação dos sentimentos.

Os conteúdos desenvolvidos foram: as diferentes formas de expressão como a corporal, verbal, gestual e simbólica (envolvendo a mímica e a técnica de palhaço) a imaginação e a criatividade e a linguagem dos sentimentos (a partir das formas teatrais: comédia, drama e tragédia). Os conteúdos estão interligados e são cumulativos, ou seja, cada novo conteúdo trabalhado pode englobar os anteriores.

A técnica da mímica desenvolvida com o grupo refere-se a uma representação onde alguns objetos importantes estão ausentes, mas que o ator consegue torná-lo visível ao espectador. Para tal, as crianças aprendem a descrever, com as mãos, superfícies diversas, como uma parede, uma bola, uma caixa ou uma corda, por exemplo. Fazem uma cena utilizando um determinado objeto, como uma xícara ou uma cadeira, e depois repetem sem o objeto.

O palhaço é uma figura cômica, e existe uma técnica para sua realização. Seus movimentos exagerados, desde seu modo de andar até sua expressão facial. É uma personagem cujas ações são antecipadamente erradas gerando novas ações atrapalhadas. Dentre os movimentos do palhaço desenvolvemos algumas ações como: andar, tropeçar, cair (sem se machucar), respirar, sentar, cumprimentar um companheiro, varrer, carregar coisas, lutar, entre outros. As cenas são criadas com ênfase nos movimentos e em ações simples, mas permeadas de obstáculos com os quais o palhaço se atrapalha exageradamente.

Sobre os conteúdos, gostaria de comentar algumas observações constatadas em diferentes grupos de crianças. Nesta faixa etária (oito ou nove anos), elas têm certo bloqueio com relação à fala, e muitas vezes, numa improvisação dramática, tendem a falar baixo demais ou de forma estereotipada (como se estivesse lendo). A preocupação com

a fala, em geral provoca um certo estado de tensão, inibição, e a cena não flui tão naturalmente como seria desejável.

Percebi que quando dramatizavam utilizando a mímica, ou focávamos somente a linguagem corporal, o resultado era mais espontâneo, ainda que não houvesse domínio da técnica. A expressão fica mais rica, mais repleta de sentimentos. De fato, a comunicação corporal precede a verbal, e na representação dramática, parece ocorrer o mesmo.

A técnica de palhaço tem um sentido interessante para as crianças. Em primeiro lugar, é extremamente lúdica, simples e engraçada, muito semelhante à forma de ser infantil. Mas o palhaço, enquanto personagem, parece-me ideal para dissolver a vaidade e a preocupação da criança com o erro, em cena.

O palhaço é engraçado quando erra, aliás, quase tudo dá errado para ele: ele cai, suja-se, rasga sua roupa, não entende as coisas que lhe são ditas, expõe-se ao ridículo, e é justamente isso que o torna cativante e engraçado. A maioria das crianças identifica-se profundamente com o palhaço. Fisicamente o palhaço é solto, relaxado, e parece que as crianças, quando o representam, se soltam mais. Outras personagens que surgem depois do palhaço são representadas com mais soltura e, algumas vezes, conservam alguns de seus traços engraçados.

As formas teatrais da comédia, drama e tragédia são apresentadas de forma bem simples e seguidas de uma dramatização. Elas parecem ajudar na organização mental da forma dramática, resultando em representações mais claras. Na comédia, os obstáculos à ação são facilmente superados, porém os personagens deparam-se com um obstáculo após o outro, ou seja, na tentativa de solucionar um pequeno problema, cria-se outro e outro, sucessivamente. No drama os obstáculos são mais difíceis de ser superados, envolvem grandes

esforços das personagens. E na tragédia o conflito ou obstáculo não tem solução, e a cena se desenrola apresentando todos os problemas gerados pelo obstáculo.

Procuramos relacionar ao nosso cotidiano por meio de notícias e relatos de experiências das crianças as situações que vivemos como comédia, drama ou tragédia. E a possibilidade de uma mesma situação desenvolver-se dentro dos três gêneros (em geral focalizo situações bem comuns, como, por exemplo, um desejo de consumo infantil negado pelos pais, uma ida ao dentista, um incidente de relacionamento em sala de aula). Posteriormente refletimos e discutimos sobre elas.

As atividades se desenvolvem seguindo uma seqüência. Primeiro, realizamos um exercício de aquecimento corporal, em geral uma brincadeira de pegar, fugir ou realizar movimentos imitando máquinas, fenômenos da natureza, entre outros, voltando a atenção de cada um para o próprio corpo. E um aquecimento "dramático", por meio de um jogo, para criar o clima, integrar o grupo e preparar para a atividade.

Então desenvolvemos um exercício dramático que pode ser a criação de uma pequena estória, a partir de um tema levantado ou um conteúdo apresentado, ou, o desenvolvimento de uma cena a partir de uma determinada situação, onde trocamos os papéis, como por exemplo, uma mãe levando seu filho ao médico ou dentista, a criança dificultando o quanto puder, a secretária tentando distrair as crianças, o médico com pressa, uma mãe com vergonha, outra brava, outra comovida, e assim por diante. Todos no jogo simultaneamente, mas cada um atuando em seu momento. Depois se trocam os papéis várias vezes. Esse é um dos jogos que as crianças mais apreciaram.

No calendário escolar, programamos a montagem de uma peça teatral para ser apresentada em cada semestre. Assim, havendo aproximadamente dezesseis encontros por semestre, metade deles é

destinada à criação e montagem de uma peça. Algumas dramatizações realizadas nas aulas são inseridas na montagem.

As peças são criadas pelo grupo. A partir de um tema previamente escolhido, relacionamos as experiências, cenas e situações do cotidiano que ilustram o tema, levantamos a posição do grupo sobre as questões relacionadas e a mensagem que tentaremos transmitir. A partir daí criamos um roteiro e as cenas. Não utilizamos texto escrito inicialmente, para que a linguagem oral preceda a escrita, tornando-a mais natural.

Todo o material cênico é coletado, construído ou improvisado pelo próprio grupo, procurando favorecer o envolvimento de todos com a montagem, mesmo de quem, por ventura não desejar atuar na montagem (como já aconteceu).

As peças teatrais se constroem a partir de uma chuva de idéias, que só acaba no dia da apresentação. É um período muito empolgante, por um lado, e às vezes cansativo para as crianças pela repetição de ensaios. A saída que encontrei, para não tornar tão exaustivo o processo, é justamente tentar deixar a representação ser o mais natural possível. Lembrando sempre que a criança atue do seu jeito. Às vezes, quando a criança tem dificuldade, por estar inibida peço para alguém dar uma ou mais idéias de como poderia ser feito, ou eu mesma faço de duas maneiras diferentes (para que a própria criança escolha).

A representação para uma platéia formada pelos colegas e familiares das crianças é um momento muito esperado e desejado. A grande expectativa tende a gerar uma certa dose de ansiedade com relação à apresentação. Aí é o momento de voltar ao primeiro encontro e lembrar o sentido de nosso trabalho: experiência. Enfatizo que o mais importante já foi realizado, e que a apresentação é para mostrar aos colegas e pais o resultado dessas experiências.

A platéia também é preparada no mesmo sentido. Apresentamos os objetivos de nosso trabalho, a idéia do laboratório e lembrando que não se trata de um grupo profissional, mas um grupo infantil e que a receptividade da platéia ajuda as crianças a se sentirem mais seguras.

Percurso do grupo observado

O teatro está presente em toda ação humana e assim, outros recursos, como o vídeo e a fotografia, podem revelar as expressões dramáticas, compondo as atividades de prática teatral. O aspecto interessante desses recursos é a possibilidade da auto-observação.

No primeiro semestre deste ano, utilizamos o recurso do vídeo, e foi bastante interessante, por possibilitar que as crianças assistissem várias vezes e vissem sua representação. O fato de não haver platéia durante a filmagem, provavelmente interferiu positivamente, no sentido de sentirem-se mais seguros e à vontade nos momentos da gravação.

O roteiro foi criado primeiramente a partir das personagens que cada um queria representar. Inicialmente, todos queriam fazer personagens maus, bruxas, demônio, vampiros. Então levantamos a necessidade de haver o oposto para gerar o conflito. Narrei uma estória que conhecia em forma de texto teatral, onde poderíamos encaixar todos aqueles personagens e fizemos, então nossa adaptação.

A estória girou em torno de uma flor que nasceu em uma cidade onde as pessoas viviam alienadas pela televisão que só apresentava programas negativos de incentivo à violência (programa do Xatinho e gaLinha direta). O resultado era que as pessoas não se importavam mais com a vida, portanto não podiam perder tempo com a flor que cresceu no meio do caminho. Por fim somente as crianças eram sensíveis à beleza da flor e juntos interferiram no programa da televisão, transformando a cidade.

No segundo semestre, o roteiro foi feito a partir dos contos de fadas. Na estória, um grupo de crianças invade o mundo das fadas e assume os papéis das personagens, mas mantendo suas atitudes e desejos próprios de criança. As personagens adultas correspondiam a suas mães e pais.

Então a Chapeuzinho Vermelho fica cansada de ser chapeuzinho e troca de lugar com o lobo, que não pode ser abatido, pois está protegido pelo Ibama. O lobo também não pode devorar os três porquinhos por causa do colesterol, pois o seu protetor, do Ibama, planejou uma dieta vegetariana para prolongar sua vida.

Os príncipes, sendo crianças, não querem nem pensar em beijar as princesas. Cinderela e Branca de Neve estão com vontade de jogar videogame e a madrastas só deixam se fizerem o que elas mandarem. Assim, Branca de Neve acaba desmaiando por comer, forçada, uma fruta que não gosta. A Bela, ao ver a fera, realiza seu sonho de ter um animal de estimação, que seu pai nunca permitiu, e pondo uma coleira na Fera, trata-a como um brinquedo.

O grupo, com a peça, teceu críticas às atitudes autoritárias e de desprezo dos adultos com relação às crianças, e também ao comportamento das crianças que consideram mimadas e inconseqüentes.

Outras experiências

Realizamos, certa vez, um laboratório de fotografia a partir do tema “A alegria como um valor a ser cultivado” (ver fotos pág.104). As crianças criaram cenas que representavam situações do cotidiano que geravam alegria e o seu oposto. As fotos “alegres” foram tiradas com filme colorido e as contrárias, com filme preto e branco. Criamos um grande painel defendendo a alegria como um valor desejável à saúde e felicidade das pessoas.

Uma outra experiência vale ser lembrada: a formação de um grupo de teatro exclusivamente com crianças que apresentavam dificuldades na escola, não especificamente de aprendizagem, mas de comportamento e socialização.

Em primeiro lugar, as crianças chegaram com uma ansiedade assustadora em relação à apresentação de uma peça, pois, a maioria, nunca havia sido convidada para qualquer espécie de atuação em eventos artísticos especiais da escola. De fato nessas ocasiões, onde o desempenho da criança favorece o produto, são escolhidas crianças mais comunicativas, mais disciplinadas, imagino.

Alguns encontros se tornaram um verdadeiro caos. Algumas crianças eram muito retraídas e outras, muito agitadas: dois extremos. O grupo não se sintonizava. O problema não estava na diferença, mas principalmente no fato de que cada um tinha necessidades e conflitos pessoais que dificultavam a integração social. Um grupo dessa natureza seria viável sob uma intervenção terapêutica.

O mesmo não foi observado em um grupo de adolescentes, formado especialmente para realizar uma montagem, e aberto a todos os interessados. Observei logo nos primeiros encontros que a grande maioria dos jovens eram nitidamente muito tímidos. Mas desejavam expressar-se por meio do teatro. A integração, a cooperação e a motivação foram muito intensas e as resultados foram completamente satisfatório.

As crianças com dificuldades de qualquer natureza, no contexto educacional devem ser inseridas em grupos heterogêneos que além de favorecer sua inclusão e interação social, tendem a ampliar seu repertório de atuação. Assim, acredito que a formação espontânea ou aleatória de um grupo de teatro tende a oferecer as melhores condições para um funcionamento saudável da prática teatral.

Análise dos dados



Capítulo 4

Há uma parte de toda coisa viva que quer
transformar-se nela própria:

O girino na rã;

A crisálida na borboleta; o ser humano
dilacerado, no ser humano íntegro.

Isso é espiritualidade.

Ellen Bass

Os dados foram coletados a partir de um questionário e de uma dissertação (tema: avaliação de minha experiência com o teatro), utilizados como recurso de avaliação no final de cada semestre. Os depoimentos foram organizados analogicamente e dispensados alguns poucos comentários que não se referiam à questão, mas que se encontram na sessão de anexos, no relato integral dos depoimentos das crianças. A partir do agrupamento por analogia, foram identificadas as categorias descritas a seguir.

4.1 Definição das categorias

I. Timidez

A timidez compreende um comportamento de retração social, causada pelo estado de ansiedade gerado pela perspectiva da exposição do indivíduo diante de um grupo ou pessoa, que bloqueia e dificulta seus processos cognitivos.

A timidez é apontada por Lindgren (1976) como um importante fator gerador de dificuldades escolares. O medo de errar e de ser gozado pelos companheiros, a ansiedade vivida pela criança cada vez que se encontra em evidência diante do grupo, fazem com que a mesma evite expressar-se verbalmente para o grupo, (expondo suas idéias, propostas e sentimentos, aos seus pares mais próximos).

A timidez relaciona-se diretamente ao autoconceito e à auto-estima, caracterizando-se pelo temor do julgamento do outro, assim, quanto pior o autoconceito e conseqüentemente a auto-estima, mais o indivíduo pode retrair-se. O tímido se julga inferior e por isso preocupa-se com o julgamento que os outros estabelecerão a seu respeito.

A timidez pode variar bastante em sua amplitude, podendo atingir níveis mais graves e patológicos. Mas mesmo sua manifestação mais amena traz, de alguma forma, um prejuízo para o indivíduo no âmbito pessoal e social. Certamente, esta não é uma questão de preocupação da psicologia clínica, mas principalmente da psicologia escolar, e deve ser tratada, em muitos casos, dentro da própria escola.

A timidez pode manifestar-se por dificuldades psicológicas ou pela falta de habilidades de comunicação e representa um obstáculo significativo para o desenvolvimento da espontaneidade. E ainda, devemos considerar que a timidez acaba funcionando como um mecanismo de defesa que justifica a não ação do indivíduo, ou que se torna uma desculpa para fugir de certas situações. Pode acabar tornando-se cômodo ser tímido, pois exime o indivíduo de certas responsabilidades.

II. Criatividade

A criatividade é um potencial inerente ao ser humano, e o desenvolvimento deste potencial é uma necessidade. Esse potencial e os processos criativos não dizem respeito exclusivamente à arte, abrangem o ser humano em todos os seus aspectos e se faz necessária em todos eles: intelectual, afetivo, comunicativo, físico, artístico. Ostrower (1987) aponta a necessidade de relacionar os processos criativos ao todo, no ser humano:

O criar só pode ser visto num sentido global, como um agir integrado em um viver humano. De fato, criar e viver se interligam
(Ostrower, 1987:5).

A criatividade, enquanto categoria contempla uma amplitude significativa por entremear-se a todas as outras. O substrato da criatividade é a imaginação, sua dinâmica é lúdica e prazerosa,

portanto é permeada de satisfação; gera novos símbolos e transforma qualitativamente o processo de comunicação; por fim amplia o horizonte do conhecimento, integrando novas idéias, conceitos e experiências.

A criatividade desempenha papel de relevante importância no processo de desenvolvimento da personalidade uma vez que favorece a livre expressão, condiciona a ação espontânea e facilita a comunicação (Novaes, 1982: 345).

Por essa razão, considero necessário um maior aprofundamento do tema assim como o estabelecimento de uma relação direta com o teatro, foco deste estudo, em capítulo exclusivo.

III. Motivação

Esta categoria compreende o sentimento de satisfação e prazer que conferem às atividades um caráter lúdico, capaz de gerar alegria e motivar seus participantes.

Podemos definir a motivação como o fenômeno responsável por colocar o indivíduo em ação. É aquilo que o impele a agir. Ela é em primeira instância um estado de tensão, gerado pela vivência de uma necessidade.

A motivação compreende, então, um estado de disposição para a ação no sentido de uma busca da satisfação das necessidades humanas. Maslow (1970), estabelece uma ordem hierárquica às necessidades humanas: fisiológicas (alimento, sono, etc.), segurança, integração e amor (família, grupo) e estima (aprovação, respeito), respectivamente acrescentando, a partir de sua teoria da personalidade a auto-realização e a compreensão cognoscitiva. A concepção de auto-realização de Maslow, enquanto uma necessidade humana, leva o fator

motivacional para um âmbito mais amplo, pois revela o desejo e necessidade de desenvolvimento integral do ser humano.

Para Maslow(1970), quando as necessidades mais básicas estão satisfeitas (fome e dor, por exemplo), novas motivações surgem e elas se referem à auto-realização que ele define como:

O uso e a exploração plenos de talentos, capacidades, potencialidades etc. (Maslow, 1970:150).

A pessoa auto-realizada caracteriza-se pela orientação realista; aceitação de si, do outro e do mundo; espontaneidade; focalização nas atividades em lugar de si mesmo; necessidade de intimidade e privacidade; a autonomia; espiritualidade (que não se refere somente à religião); sentimento de identidade com o humano; valores democráticos; capacidade de relacionar-se profundamente; sensibilidade na apreciação; capacidade para diferenciar entre meios e fins: senso de humor (mais filosófico que hostil); criatividade e resistência à aculturação (idem,153-172).

IV. Comunicação e expressão

Comunicar-se é uma necessidade do ser humano, vital para o estabelecimento das relações interpessoais, sociais e da própria organização da sociedade e acontece por intermédio da linguagem.

A linguagem é anterior ao pensamento, podendo este ser a própria fala internalizada. Falar, principalmente para a criança, auxilia na estruturação do pensamento.

A externalização do pensamento, portanto das idéias do indivíduo, estabelece a comunicação e a interação social. A partir da interação social, a criança pode confrontar suas idéias com as de outras. Esse confronto é imprescindível para que a criança desenvolva sua

autonomia intelectual, moral e social, pois diante de idéias ou respostas diferentes, precisa reformular suas hipóteses e debater sobre elas até chegar a uma resposta satisfatória para si mesma.

A habilidade de comunicar-se e expressar-se, embora sofra influência dos traços de personalidade, pode e deve ser desenvolvida no âmbito escolar, pois constitui uma necessidade básica para seu desenvolvimento intelectual, emocional e social.

A habilidade de comunicação não se refere somente à capacidade de falar diante dos outros ou saber escrever. Ela envolve mais do que um ser humano, e assim uma interlocução, ou seja, a capacidade de comunicar algo de maneira organizada, clara e compreensível àqueles a quem se dirige a mensagem.

IV. Autoconhecimento

A personalidade humana é bastante complexa, e manifesta-se parcialmente nos comportamentos do dia a dia, sendo, a partir de sua manifestação, confrontada aos padrões culturais. A consequência ou reação provocada por determinada manifestação de um aspecto da personalidade pode inibir ou reforçar sua manifestação, determinando seu lugar na consciência ou no inconsciente.

Os papéis que o indivíduo desempenha em seu dia-a-dia oferecem uma delimitação de sua ação, podendo assim facilitar ou limitar sua atuação, de acordo com seu processo de identificação com o mesmo. A identidade do indivíduo se constrói na somatória dos papéis que o indivíduo representa em suas inter-relações.

Nem sempre, porém o indivíduo conhece alguns papéis que representa, sendo, assim inconsciente de si. E certamente, a qualidade das inter-relações fica prejudicada. A autenticidade é um elemento

importante no relacionamento humano, e está relacionada ao desenvolvimento da identidade.

O crescimento psicológico, denominado por Jung de “individuação”, é um caminho para torna-se mais inteiro, integrando à consciência diversos aspectos da psique. É, portanto um processo de desenvolvimento da totalidade psíquica, e atribui à existência um caráter de maior liberdade e de individualidade, no sentido de singularidade.

Conhecer e integrar à consciência aspectos desconhecidos da personalidade, aprendendo a aceitá-los em si, promove o desenvolvimento da tolerância com relação aos outros, e a noção de que um aspecto “negativo” não corresponde à totalidade do ser.

A identificação rígida a um único papel é patológica e pode representar um mecanismo de defesa às manifestações espontâneas de outros aspectos da personalidade. Assim, consideramos importante o conhecimento dos diferentes papéis representados pela pessoa em suas inter-relações e conseqüentemente a identificação de aspectos de sua personalidade, considerando que o ser humano é primordialmente social.

4.2 Análise por categoria

I. Timidez

	Depoimento das crianças	Falas transformadas
A2	<p>O teatro tirou minha vergonha</p> <p>O teatro faz você se sentir mais solto, mais animado. No teatro Há muitas coisas boas para aprender.</p>	<p>O teatro eliminou seu sentimento de vergonha ao se expressar.</p> <p>O teatro proporciona maior espontaneidade e motivação.</p> <p>Envolve coisas interessantes para aprender.</p>
A3	<p>Eu era muito tímida, agora não. Agora eu não tenho mais vergonha</p> <p>O teatro foi muito bom pra mim. A peça de teatro foi muito legal. Vale muito à pena fazer teatro, porque pode mudar sua vida na timidez e muitas outras coisas.</p>	<p>O teatro ajudou a superar sua timidez</p> <p>Sente-se mais desinibida</p> <p>Enfatiza a importância do teatro na transformação de sua vida, principalmente no que se refere à sua percepção da própria timidez.</p>

A4	<p>Nós aprendemos várias coisas, como se expressar, ficar mais solto, assim podemos nos sentir melhor, sem vergonha.</p> <p>O teatro foi importante para mim, porque antes eu era muito tímida (agora não sou mais). ...Agora sou mais bem humorada</p> <p>Nós ficamos mais à vontade.</p>	<p>Sente-se melhor por conseguir se expressar melhor vencendo a timidez.</p> <p>Ressalta a importância do teatro na superação de sua timidez e a percepção de uma alteração positiva de humor, julgando-se mais bem humorada.</p> <p>Sente-se mais à vontade.</p>
A5	<p>Porque nós temos que se abrir e não ter mais vergonha.</p> <p>Nós temos que se abrir para o palco</p>	<p>Obrigatoriamente tem que se despojar do sentimento de vergonha e inibição</p> <p>Tem que se soltar</p>
A6	<p>com o teatro eu fiquei com menos vergonha de falar em público, me soltei mais, fiquei mais alegre e fiquei muito mais criativa.</p>	<p>Sente-se mais solta, mais espontânea, mais alegre e mais criativa.</p>
A7	<p>Melhora minha maneira de falar e decorar as falas</p>	<p>Melhora sua fala</p>
A8	<p>...antes eu tinha muita vergonha de subir no palco e falar uma palavra, já agora que eu entrei no teatro, a vergonha acabou, eu subo no palco e falo quanto for necessário.</p>	<p>Antes de fazer teatro sentia-se muito inibida para falar em público, e agora se sente completamente à vontade para falar.</p>
A9	<p>Melhora as falas.</p>	<p>Melhora a fala</p>

A10	<p>Antes de fazer teatro eu tinha vergonha de tudo.</p> <p>Antes de fazer teatro eu tinha vergonha de tudo</p>	Desinibiu-se
A11	<p>Fazendo teatro eu fiquei com menos vergonha.</p> <p>Eu acho o teatro muito legal, pois antes eu tinha muita vergonha e agora, com as peças, brincadeiras, e outras coisas que eu fiz com o grupo, me tiraram a vergonha. O teatro me ajuda a ser mais solta</p>	<p>Desinibiu-se</p> <p>Ressalta a importância do teatro na superação de sua timidez, considerando que o teatro ajudou-a a ser mais solta, mais espontânea.</p>
A13	<p>Antes eu ficava escondido atrás da minha mãe, tinha medo de falar com as pessoas. Agora não sinto tanta vergonha.</p> <p>Agora não sou tão tímido como antes.</p>	<p>Melhorou sensivelmente com relação à timidez e inibição que eram excessivos</p> <p>Desinibiu-se</p>
A14	<p>Eu me soltei muito mais.</p> <p>Antes eu tinha muita vergonha de falar, agora me sinto mais feliz.</p> <p>Eu era muito tímida... Melhorei muito e agora não tenho quase nada de vergonha</p>	<p>Sente-se mais solta</p> <p>Diminuiu sua timidez e sente-se feliz por isso</p> <p>O teatro ajudou a melhorar sua timidez</p>
A15	<p>Antes de fazer teatro eu tinha vergonha de tudo, e agora que eu estou no teatro eu pude perder quase toda a minha vergonha, e isso me ajudou muito.</p>	<p>O teatro ajudou muito por fazê-la superar sua timidez.</p>

Os sujeitos percebem-se mais soltos, livres de sentimentos de inibição excessivos, mais à vontade para expressar-se livremente e assim relacionar-se melhor em grupo. A maioria considera o teatro importante fator de superação da timidez, e com isso sentem-se mais felizes, pelos sentimentos positivos decorrente desse progresso. Com isso certamente poderão se manifestar mais espontaneamente, com menos ansiedade.

II. Criatividade

	DEPOIMENTO DAS CRIANÇAS	FALAS TRANSFORMADAS
A1	<p>Eu percebo que desenvolve a maneira de falar, o meu jeito de ser e minha criatividade.</p> <p>Fazer teatro vai melhorar na minha vida, as outras aulas com outras professoras são muito diferentes porque as outras aulas a gente usa mais a escrita, na aula de teatro nós usamos mais a criatividade.</p>	<p>Percebe que desenvolve sua criatividade, sua personalidade e sua fala.</p> <p>A exploração da criatividade é nitidamente maior nas aulas de teatro que em outras aulas e, este é um fator positivo, que proporcionará um melhor desenvolvimento.</p>
A2	Melhora a minha criatividade.	Desenvolve sua criatividade
A4	O que eu achei, também muito legal é que no teatro a gente precisa usar muito a criatividade e eu adoro usar a criatividade.	A necessidade de se utilizar os próprios recursos criativos, vem ao encontro de suas expectativas e necessidades.
A6	Com o teatro eu fiquei com menos vergonha de falar em público, me soltei mais, fiquei mais alegre e fiquei muito mais criativa.	Sente-se mais solta, mais espontânea, mais alegre e mais criativa.
A7	O teatro me trouxe mais criatividade e imaginação	O teatro estimulou sua imaginação e criatividade.
A11	O teatro me deixa mais criativa.	Estimula a criatividade
A6	Desenvolve: minha criatividade, o meu senso de humor, minha agilidade e minha sabedoria.	Desenvolve sua criatividade, seu senso de humor, sua agilidade e amplia seus conhecimentos.

A15	O Teatro me ajudou muito nas aulas da escola, porque no teatro eu usei muita imaginação.	O exercício de imaginação, constante nas aulas de teatro contribuiu com outras atividades da escola.
------------	--	--

Os sujeitos consideraram que o teatro explora muito o potencial criativo, exercitando a imaginação e promovendo um amplo desenvolvimento de sua criatividade e capacidade criadora. Valorizaram esse aspecto, ressaltando o prazer e a satisfação gerados nos processos de criação.

Eles sentiram-se mais soltos, espontâneos e livres em sua expressão e processos criativos, ressaltando a possibilidade de se utilizarem recursos expressivos variados, diferentes dos utilizados no cotidiano escolar.

III. Motivação

	Depoimento das crianças	Falas transformadas
A1	Porque eu me sinto muito mais feliz e aprendo mais	O teatro a faz sentir-se mais feliz e aprender coisas novas.
A2	O teatro faz você se sentir mais solto, mais animado. No teatro Há muitas coisas boas para aprender.	O teatro proporciona maior espontaneidade e motivação e isso traz satisfação. Envolve coisas interessantes para aprender.
A6	Fiquei mais alegre Melhora meus sentimentos como a alegria e a amizade, meu senso de humor...	Sente-se mais solta, mais espontânea, mais alegre e mais criativa. Atividade traz prazer, proporcionando sentimento de alegria e desenvolvendo seu senso de humor.
A7	Eu me sinto melhor fazendo aula de teatro.	Fazer aula de teatro faz sentir-se melhor.
A8	O teatro é uma atividade que mais gosto, sempre quis fazer teatro. O teatro é só alegria... Me sinto alegre, com muita felicidade e muito engraçada. Muda a minha vida como: estou com mais alegria agora,...	Sente prazer. Sente-se muito alegre Sente-se muito feliz e melhorou seu senso de humor
A9	Pois me dá satisfação de me divertir.	Sente prazer

O teatro caracteriza-se, essencialmente por uma atividade lúdica, que é realizada com prazer e proporciona um sentimento de alegria para aqueles que dela participam, revelando um fator motivacional em sua prática. A motivação relaciona-se não simplesmente às atividades, mas também a algumas conseqüências identificadas pelas crianças como benéficas às suas vidas, tais como: senso de humor, alegria, criatividade e espontaneidade.

IV. Comunicação e expressão

	DEPOIMENTO DAS CRIANÇAS	FALAS TRANSFORMADAS
A4	Nós aprendemos várias coisas, como se expressar, ficar mais solto, assim podemos nos sentir melhor, sem vergonha. Nós ficamos mais à vontade.	Sente-se melhor por conseguir se expressar melhor vencendo a timidez Sente-se mais à vontade.
A5	Porque nós temos que se abrir e não ter mais vergonha. Nós temos que se abrir para o palco	Obrigatoriamente tem que se despojar do sentimento de vergonha e inibição para se expressar melhor. Tem que se soltar
A6	Com o teatro eu fiquei com menos vergonha de falar em público, me soltei mais, fiquei mais alegre e fiquei muito mais criativa. Melhora minha maneira de falar e decorar as falas.	Sente-se mais solta, mais espontânea, mais alegre e mais criativa. Melhora sua fala
A8	As falas.	Melhora a fala
A13	Antes eu ficava escondido atrás da minha mãe, tinha medo de falar com as pessoas e agora não sinto tanta vergonha de conversar. Melhora a fala	Passou a se comunicar com as pessoas mais naturalmente. Agora se sente mais à vontade para conversar e se relacionar com pessoas.

A14	Eu me soltei muito mais. Antes eu tinha muita vergonha de falar, agora me sinto mais feliz.	Sente-se mais solta Antes de fazer teatro, sentia-se muito inibida para falar, porém agora consegue expressar-se melhor verbalmente, e sente-se feliz por isso.
A4	Aprendi a me expressar melhor. Desenvolvo o meu corpo, pois eu me sinto mais relaxada.	Sente mais facilidade para se expressar e mais relaxada fisicamente.

Os sujeitos identificaram uma maior facilidade de comunicação, principalmente por meio da fala. A facilidade relaciona-se a um desbloqueio gerado pela diminuição da timidez e com isso maior possibilidade e necessidade de exercitar a expressão verbal.

V. Autoconhecimento

A1	O teatro me ajuda para que no futuro eu faça as coisas do meu jeito.	O teatro contribui para o desenvolvimento da própria maneira de ser
A2	No teatro há muitas coisas boas para aprender. O jeito de fazer um teatro ou uma peça é fácil porque você tem que se sentir como a personagem.	Colocar-se no lugar do outro faz com que se sinta como ele (personagem).
A5	O Teatro fez eu perceber várias coisas da vida, como as pessoas se comportam, como as pessoas é no dia a dia.	O teatro promove um conhecimento acerca dos comportamentos e papéis representados pelo ser humano em seu cotidiano.
A7	No teatro desenvolvo o meu jeito de ser. No teatro aprendemos a fazer vários tipos de personagens, alegres, bravos, tristes, etc...	O teatro desenvolve a identidade. O teatro permite conhecer, por meio da experiência, diferentes tipos de papéis que podem ser representados pelo ser humano.
A15	No teatro eu descobri diferentes jeitos de ser, como: ser malvada, vingativa, mandona, boazinha, maluca, etc.	O teatro permite experimentar e conhecer atitudes e comportamentos humanos e refletir sobre eles.

A possibilidade de experimentar os mais diferentes papéis permitiu aos sujeitos conhecerem mais sobre o comportamento humano,

por meio da observação e reconhecimento dos diferentes papéis representados pelas pessoas e pelos próprios sujeitos em seu cotidiano, podendo relacionar-se por meio das personagens a aspectos de sua personalidade ou da condição humana, livremente.

Puderam conhecer-se melhor, e aos outros, reconhecendo alguns padrões de comportamento humano e as relações que se estabelecem a partir deles, podendo libertar-se de alguns padrões comportamentais pré-estabelecidos.

4.3 Síntese da interpretação dos dados

Os depoimentos dos sujeitos apontam para o reconhecimento:

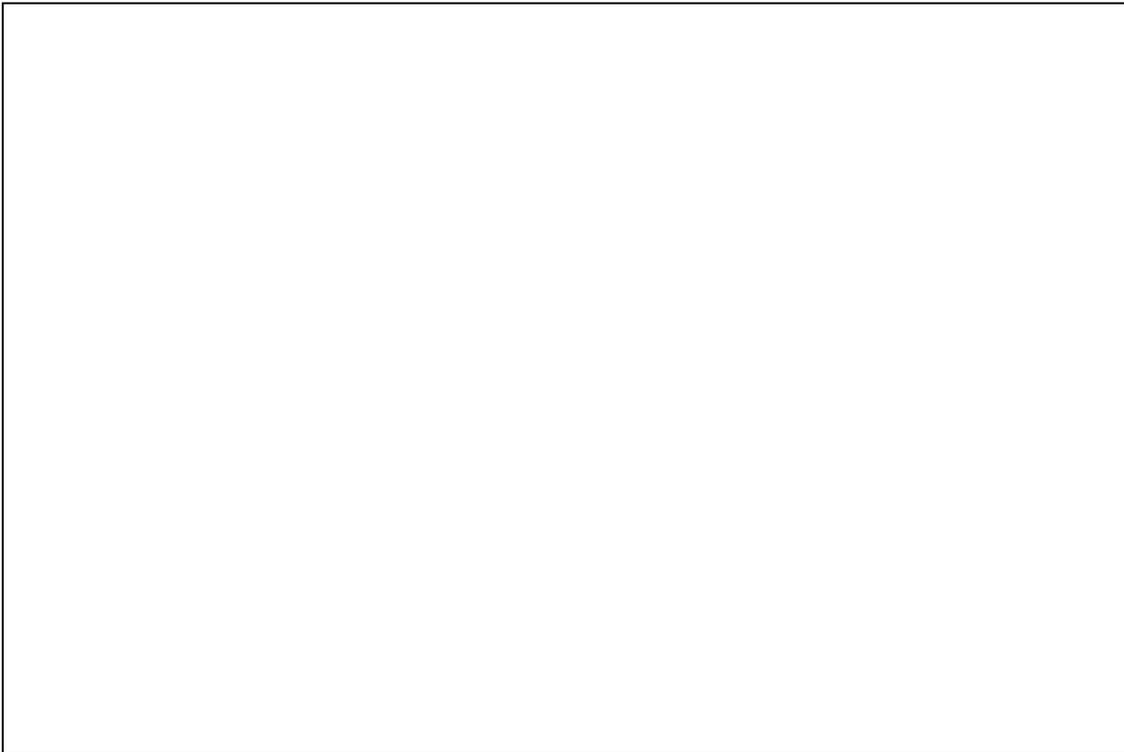
- Do amplo desenvolvimento de seu potencial criativo;
- Da melhora de suas habilidades de comunicação e auto-expressão;
- Da superação da timidez;
- Forte motivação e satisfação tanto com as atividades desenvolvidas quanto com os resultados que elas revelaram em seu desenvolvimento;
- Da ampliação de seu repertório e do conhecimento de comportamentos e papéis representados pelas pessoas no cotidiano, possibilitando a reflexão sobre elas.

Os dados permitem observar que as atividades teatrais de fato atuam significativamente no desenvolvimento de potenciais humanos e que esse se constitui uma necessidade psicossocial do ser humano; assim como promovem um sensível amadurecimento psicológico, capaz de gerar relações qualitativamente melhores.

Criatividade e Teatro



Capítulo 5



“Ser feliz é assim”

A criatividade é um dos mais fascinantes fenômenos do ser humano. Está ligada às camadas mais profundas da psique humana, ao inconsciente. Portanto, ela não é um privilégio dos gênios e artistas, mas é inerente a todo ser humano. Talvez alguns desenvolvam uma maior capacidade para expressarem essa criatividade.

O vício de considerar que a criatividade só existe nas artes, deforma toda a realidade humana. Constitui uma maneira de encobrir a precariedade de condições criativas em outras áreas de atuação humana...Constitui, certamente uma maneira de desumanizar o trabalho. Reduz o fazer a uma rotina mecânica, sem convicção ou visão ulterior da humanidade.(Ostrower, 1987: 39).

Criar é poder ir além das fronteiras da razão, é romper com o estabelecido indo ao encontro do novo, é estabelecer novas conexões e reinventar a realidade, é penetrar os domínios do tempo e alcançar a eternidade. Como diz Daquino (1992,92): “... é sair do isolamento de si, para ir ao encontro do outro”.

Ainda há muitos que acreditem na supremacia da razão, talvez pela tendência humana de tentar ignorar, negar e até combater aquilo que não conhece. Porém o produto criativo é emotivo e intelectual, e, portanto aponta para horizontes mais amplos que os da razão.

Teorias filosóficas

A mais antiga concepção sobre a criatividade considera que o processo criativo ocorre por inspiração divina. Seu mais importante

influenciador foi Platão. Parte da idéia de que a criatividade é um dom divino, não pertence ao artista, mas a Deus. Deus toma o artista e age por meio dele, inspirando-lhe uma obra magnífica, digna somente de uma inspiração divina. Nada tem haver com a vontade do sujeito.

Outra consideração importante estabelece relação entre a criatividade e a loucura: embora seja uma concepção bastante antiga, ainda nos dias atuais existe. A pessoa criativa, devido ao seu pensamento original, sua maneira de ser, por vezes destoante dos padrões sociais, sua liberdade criadora, era, e ainda é, muitas vezes, julgada como louca, insana. Criatividade, historicamente foi sinônimo de desequilíbrio mental.

Criatividade também pode ser relacionada à intuição. A teoria cartesiana, na qual mente e corpo são instâncias separadas, a pessoa criativa era dotada de um dom especial que seria uma capacidade intuitiva.

Outra idéia surgiu no fim do renascimento quando muitos escritores e pensadores associaram criatividade e gênio, em especial, Kant. A criatividade passa a ser entendida como um processo natural e que não pode ser ensinado, por sua estrutura ser diferente da razão e também limitada a algumas poucas pessoas. Dentro dessa concepção, a pessoa criativa não mais seria considerada anormal, mas, de qualquer forma, diferente das outras, pois é dotada de uma qualidade rara.

Criatividade como força vital: Surgida como consequência da teoria de Darwin, a criatividade é identificada como a expressão de uma força criadora inerente à vida. Toda a evolução orgânica é naturalmente criativa, dando origem continuamente a novas espécies.

Criatividade como força cósmica: A criatividade humana é vista como uma manifestação de uma criatividade universal que resiste a tudo que existe. Conforme Whitehead, essa criatividade é cíclica,

formada por acontecimentos que nascem se desenvolvem e morrem. Ela não só mantém o que já existe, como também gera formas novas. É o avanço no sentido do novo. Da mesma maneira que o universo se cria ininterruptamente a si próprio, a pessoa que aprende realiza incessantemente sua natureza; pois o desejo de educação está intrinsecamente ligado à vida, é inato. Nesse sentido, A melhor educação é aquela que corresponde ao processo criativo cósmico.

Teorias Psicológicas

O Associacionismo tem suas raízes nas idéias do filósofo Jonh Locke, e exerce considerável influência na teoria “behaviorista”. Considera que o pensamento é basicamente a associação de idéias. As idéias conhecidas são incontavelmente associadas formando as “novas idéias”. Essas novas idéias são fabricadas a partir das velhas pelo processo de tentativa e erro. Em verdade, nada especialmente novo, apenas uma recombinação de elementos já conhecidos.

Essa corrente considera que a criação consiste numa ativação das conexões mentais que estabelece combinações até que o indivíduo encontre a combinação ideal para a situação em que se encontra, ou desista.

O associacionismo não se mostra adaptável à maioria dos conhecimentos sobre a criatividade, pois não considera a existência do pensamento original, do surgimento de uma idéia que cria suas próprias conexões e principalmente do pensamento que rompe com o conhecido e estabelecido gerando algo verdadeiramente novo.

A partir da psicologia experimental Guilford desenvolve sua teoria denominada Análise fatorial e define duas formas de pensamento: o convergente, responsável por escolher uma resposta convencional; e o divergente, capaz de movimentar-se na busca de uma resposta além da convencional. Este último estaria diretamente relacionado à

criatividade. Alerta para o fato de que as escolas tendem a desenvolver o pensamento convergente, portanto promovem pouco a criatividade.

Para a psicanálise a criatividade é uma ativação das pulsões eróticas outrora sublimadas, fazendo o indivíduo alcançar novas respostas, superando seus padrões de comportamento. A teoria dos processos primários e secundários e da sublimação, dentro da teoria psicanalítica, veio a contribuir profundamente com a concepção de criatividade e seus estudos.

Criativo é todo pensamento e toda ação que nos sublimam, afastando-nos dos instintos arcaicos e tornando-nos mais humanos. (Daquino, 1992:107).

Para Freud a criatividade tem suas origens em um conflito inconsciente. O próprio inconsciente ocupa-se de gerar uma solução para o conflito. Assim, se a solução que emerge do inconsciente é aceita e acolhida pela personalidade consciente, o indivíduo manifesta o comportamento criativo. Se, ao inverso, rejeita a solução apresentada, reprimindo-a, desencadeia-se o processo neurótico.

Para a Psicanálise freudiana, boa parte das atitudes criadoras, principalmente as artísticas, substituem os jogos infantis e assim como para as crianças, são meios para relacionar-se com o mundo interno, o inconsciente e solucionar conflitos.

Carl Roger⁴ define a criatividade como a tendência a auto-realizar suas potencialidades como ser humano. Para ele a criatividade depende de certas condições interiores: a abertura à experiência; um lugar interno de avaliação que permite que a pessoa possa considerar outros aspectos de sua obra sem alterar sua estrutura; e a capacidade de brincar com elementos e conceitos pelo simples prazer de exploração

⁴ Kneller, George. Arte e ciência da criatividade, p.52.

intelectual. A criatividade não pode ser reduzida a uma solução de conflito, mas tem finalidade em si mesma, também.

Para a Psicologia Analítica Junguiana, a criatividade é um recurso do inconsciente, que vem completar e compensar a atitude unilateral da consciência. No processo criativo, a fase de inspiração está associada a estados alterados da consciência como a atenção flutuante, o sonho ou o devaneio. Quando há um rebaixamento das defesas do ego ocorre a emergência de alguns conteúdos e símbolos do inconsciente, provocando um diálogo ego-self.

O ego, portanto, tem importante papel na objetivação e integração dos símbolos e conteúdos. Quanto maior a inspiração, maior a transpiração necessária para dar forma a ela.

A criatividade maior procede do hemisfério direito do cérebro, responsável pelos processos intuitivos. Somos educados a utilizar mais (ou exclusivamente) o lado esquerdo, responsável pela razão.

Portanto, as pessoas criativas têm uma percepção mais intuitiva da realidade, muito mais aberta, pois não funcionam em forma de julgamento. Também seu funcionamento intelectual apresenta maior flexibilidade e maleabilidade cognitiva.

A concepção de criatividade é muitas vezes submetida ao funcionamento racional e com isso condenam-na a um processo causalista e mecanicista, absolutamente dentro do controle, podendo ser desencadeado e conduzido de forma previsível. Certamente corresponde a uma concepção bastante parcial e redutiva da criatividade, uma vez que desconsidera o surgimento do novo, do inesperado.

Criatividade e teatro

Assim como a criatividade, o teatro é inerente ao ser humano, toda pessoa pode representar dramaticamente. E ambos são tanto potenciais como necessidades humanas, e são, portanto, humanizantes.

O teatro, ou exercício teatral, compele vários dos atributos desejáveis à formação de uma personalidade criativa, oferecendo um espaço bastante fértil ao desenvolvimento do potencial criativo humano.

A condição de jogo permite romper “por hora” com a realidade estabelecida, abrindo-se novas perspectivas de atuação. O campo do jogo é protegido pelas próprias delimitações de tempo e espaço, e possibilita ao indivíduo ou ao grupo a emergência de conteúdos do inconsciente.

O contexto imaginário do jogo teatral permite que o indivíduo atue nos mais diferentes papéis, e experimente novas formas de ação e reação, até opostas. E da tensão dos opostos possa extrair ou fazer surgir uma terceira nova forma. A liberdade do jogo facilita para arriscar-se e ser diferente, a romper com alguns padrões pré-estabelecidos e conhecer o novo. Posteriormente, transpõe para sua vida real sua experiência, libertando-se.

A representação de diferentes papéis também permite compreendê-los, e interessar-se por eles, numa atitude menos preconceituosa e mais aberta com relação ao ser humano. Além da tolerância, isso também representa uma maior flexibilidade e uma nova possibilidade de estabelecer relações, pois pode considerar, simultaneamente, situações opostas ou divergentes.

O exercício teatral baseia-se na improvisação e requer uma atitude de focalização do momento presente, do “aqui e agora”, exigindo a presença e participação do indivíduo por inteiro, atento aos

estímulos que podem oferecer subsídios para sua atuação, e ágil na articulação das informações e conhecimentos que dispõe.

Esse é o exercício de espontaneidade. É agir livremente, de acordo com o momento presente e consigo mesmo. É poder entregar-se inteiramente à experiência, com pensamento, ação e sentimento integrados.

Essa integração representa um viver saudável. O indivíduo neurótico é aquele que não pode ser espontâneo, mas repete incansavelmente suas respostas, e teme as novas possibilidades que lhe oferecem o risco de perder seu controle emocional.

O teatro conjuga, portanto, o pensar, o sentir e o agir do indivíduo, a partir de sua imaginação, proporcionando um espaço aberto ao processo criativo.

Mas não se trata apenas da criatividade individual, mas também coletiva. Os símbolos que emergem são em grande parte coletivos. E, portanto, é um importante fator de transformação social, visto que representa e articula papéis sociais e os apresenta a um público, que pode compartilhar as experiências ali representadas.

As atividades criadoras são imprescindíveis ao processo educativo, pois levam o indivíduo a um equilíbrio significativo em relação a si e aos demais. (Novaes, 1982:349).

5.1 Analisando os Parâmetros Curriculares Nacionais*

Os PCNs orientam-se para o ensino de arte, que é algo diferente de arte-educação. No ensino, a arte é conteúdo. Na educação, a arte é um meio. Fazendo o ensino de arte, parte do currículo, este deve contribuir com os objetivos gerais da educação e, portanto, com a formação integral do aluno.

Porque ensinar arte com arte é o caminho mais eficaz (PCNs, v6: 48).

A arte-educação baseia-se em princípios muito mais psicológicos que pedagógicos e orienta-se para a integração tanto dos conhecimentos como do próprio ser humano, caracterizando-se por uma prática estabelecida a partir de uma experiência ampla e significativa do fazer artístico.

Os próprios objetivos são distintos e assim também a ênfase dada ao produto artístico. Para os professores de arte, as qualidades pertinentes à avaliação dizem mais respeito à técnica e à capacidade que o aluno desenvolve de fazer e pensar sobre a arte.

Para arte-educadores, a qualidade do processo de criação e as experiências agregadas a partir dele, são necessariamente prioritárias em relação ao produto.

Porém, é fato que essa qualidade também determina um produto apreciável e de boa qualidade. Pois o fazer integrado, harmonioso, deve gerar um produto igualmente harmonioso, portanto, estético. Porém não se busca esses objetivos pelas vias racionais, mas prioritariamente pela experiência ampla do sentir, agir e pensar.

A prática da arte-educação sustenta-se em objetivos mais amplos, enquanto o ensino de arte concentra-se mais nos objetivos específicos.

* documento elaborado pelo Mec que determina os parâmetros para os currículos de toda rede nacional de ensino público e privado

*A qualidade da ação pedagógica que considera tanto as competências relativas à percepção estética quanto aquelas envolvidas no fazer artístico **pode contribuir** para o fortalecimento da consciência criadora do aluno.(idem, 50).*

No trecho dos PCNs acima citado, percebe-se que o fortalecimento da consciência criadora aparece como algo que “pode acontecer”, e não que deve acontecer. De alguma forma, todas as disciplinas comprometem-se em maior ou menor grau com a criatividade, e com a arte acontece o mesmo. Mas certamente a técnica e o conhecimento artístico têm prioridade.

Considero já um avanço da educação o reconhecimento e a valorização das artes enquanto área do conhecimento. Isso vem contribuir com uma ampliação cultural dos alunos que na maioria das vezes não tem acesso às artes e, portanto, por não conhecer, não pode apreciar.

*A área deve ser incorporada com objetivos amplos que atendam às características das aprendizagens, combinando o fazer artístico ao conhecimento e à reflexão em arte. Esses objetivos devem assegurar a **aprendizagem** do aluno nos planos perceptivo, **imaginativo** e produtivo.(idem, 50).*

Faço aqui um destaque para os termos utilizados: Aprender a imaginar? Quem ensina quem? Aprendizagem diz respeito à aquisição de um novo conhecimento. A percepção e a imaginação devem ser desenvolvidas, pois já existem. Do contrário, fica uma sensação de um

desejo, subjacente, de modelar a percepção e a imaginação, tornando-as fictícias ao educando e mascarando o controle de sua liberdade.

Os PCNs alegam que o fato de a criança “imitar” a forma artística do adulto, não significa que ela se submeta a seus padrões estéticos. Mas acredito que a autonomia e liberdade, fundamentais ao processo criativo, fiquem comprometidos caso a criação espontânea não preceda a prática reprodutiva ou seja menos freqüente.

Não pretendo, em hipótese alguma, combater a prática do ensino de arte, até porque considero que, como todas as disciplinas, contribua muito com a bagagem cultural do aluno e com seu pensamento crítico, ambos absolutamente desejáveis. E para tal, requer um especialista em artes, com as habilidades desejáveis a um educador, como garante os PCNs:

O ensino de arte é área de conhecimento com conteúdos específicos e deve ser consolidada como parte constitutiva dos currículos escolares, requerendo, portanto, capacitação dos professores para orientar a formação do aluno.(PCN, v6, 51).

A arte é um objeto de conhecimento, e como tal deve compor o currículo escolar. Mas, por outro lado, a experiência artística em si é tão rica que encerra muitos conhecimentos, não tão intelectuais, mas profundamente significativos. Um grande passo foi dado: o reconhecimento da importância da arte na educação, e sua valorização como área curricular. Talvez um próximo passo para a prática de uma educação realmente integral, que promovesse o desenvolvimento da personalidade total do educando, seja a inclusão de práticas que

viabilizem o desenvolvimento e educação da intuição e dos sentimentos, como a arte-educação.

A escola é hoje a principal instituição educativa. Mas precisamos ter sempre em mente que educar não é apenas transmitir conteúdos. A educação envolve a aprendizagem e assimilação de conteúdos, mas deve ultrapassar tais limites. A educação abrange a formação do Ser Humano, e o desenvolvimento de sua personalidade, em seus aspectos cognitivos, afetivos, físicos, criativos e éticos. A escola, hoje, ainda negligencia o corpo, os sentimentos e a criatividade.

Ora, não podemos tratar de questões afetivas apenas intelectualmente. A aprendizagem e o desenvolvimento afetivo se dão a partir de condições de relacionamentos e experiências afetivas. É claro que, sendo o ser humano por natureza afetivo, consegue desenvolver-se neste sentido, minimamente, mesmo em condições adversas.

A educação dos sentimentos e da sensibilidade, acredito, está diretamente ligada à arte. Não à técnica artística, mas à experiência que esta proporciona, seja pela apreciação (prefiro usar contemplação, por não envolver em primeira instância a crítica e o julgamento próprios da esfera racional), seja pela própria expressão artística.

Para a educação é importante salientar que para o INDIVÍDUO (grifo meu) o fato de expressar-se livremente é muito mais significativo que o produto propriamente criado. Não é na opinião que os outros formulam a respeito da coisa criada que reside o valor psicológico da atividade criadora, mas sim no significado da coisa criada para a pessoa que a concebeu, pois é como uma extensão de si próprio, uma parte dela. (Novaes, 1982: 356).

Será que o educando, na escola, aprende a acessar seu potencial criativo? A escola proporciona, de fato, possibilidades de criar livremente e poder refletir sobre aquilo que criou? Quais os momentos que tem para conhecer seus sentimentos e integrá-los em sua experiência?

Fica evidente que a esfera racional está supervalorizada em detrimento da emocional. E a arte é um meio para se alcançar uma educação integral e integrada do ser humano cada vez mais compartimentalizado.

O desenvolvimento da ética e da moralidade, por sua vez, está vinculada à educação dos sentimentos e da sensibilidade além da capacidade de colocar-se no lugar do outro, da troca de papéis (interna ou externamente).

Na verdade, penso que há um grande “nó” na educação gerado pelo conflito entre a velocidade e quantidade de informações. Talvez tenhamos um dilema onde sou absolutamente tendenciosa: por um lado, é importante que os conteúdos sejam transmitidos e que o educando possa articulá-los (mas eles não garantem de fato o desenvolvimento cognitivo, ético e afetivo da maioria). Por outro lado, o conteúdo pode ser apenas um meio que alcance um objetivo maior que é a formação (integral) de pessoas equilibradas, éticas, solidárias, críticas e capazes de refletir, posicionar-se e agir diante do turbilhão de informações e mudanças que nos assolam nos dias de hoje.

Numa escola devemos considerar que a arte não seria uma matéria a mais, uma disciplina qualquer, mas um processo de ensino que se estenderia a demais domínios e que pode unificar os demais. (Novaes, 1982: 356).

Então, para refletir o lugar da arte na educação, temos que pensar um pouco melhor sobre o papel da educação em nossa sociedade. Penso que ensinar arte tem o seu precioso valor, mas acredito que ela pode ampliar um pouco mais os atuais limites da educação, se for caracterizada por uma prática voltada para o desenvolvimento da capacidade criadora, da liberdade, da sensibilidade e da imaginação mediante um processo criativo amplo, livre e espontâneo.

Penso que teoricamente não fique muito claro nos PCNs, a diferenciação entre o ensino de arte e a arte-educação, e eles sequer consideram a prática de arte-educação, embora sejam evidentes e significativos os benefícios dessa prática para o pleno desenvolvimento do aluno e a qualidade da educação.

Acredito que para o ensino fundamental, especialmente para os dois primeiros ciclos, a arte-educação seria muito mais significativa que o ensino de arte, visto que a criança ainda se orienta muito mais pela emoção que pela razão, o que faz com que se entregue às experiências muito mais intensamente. Mas que, de fato, deveria haver a possibilidade de existir as duas coisas.

Com relação à abordagem do teatro, os próprios PCNs indicam sua utilização dentro de um contexto mais amplo, livre, reconhecendo-o como um recurso inerente ao ser humano. Ressalta a questão da convivência grupal no teatro e o estabelecimento de relações de amizade, companheirismo e cooperação, assim como a importância do caráter lúdico à motivação para a aprendizagem.

Porém, não abre mão do juízo crítico acerca do teatro enquanto arte e do acesso à literatura dramática e domínio da linguagem teatral, muito embora afirme: “é importante que o professor esteja consciente do teatro como um elemento fundamental na aprendizagem e desenvolvimento da criança e não como transmissão de uma técnica”.(PCNs, V6:86).

Mas fica uma questão: como é que se pode alcançar uma vastidão de objetivos como os mencionados para o teatro, dança, artes visuais e música se as crianças da maioria das escolas têm apenas duas horas/aula por semana, destinadas à aprendizagem de todas elas de uma vez?

O teatro é uma arte bastante completa, que pode englobar todas as outras. Envolve todos os sentidos. A atuação no teatro envolve corpo, fala, movimentos, sons e imagens. Talvez, uma possibilidade viável, fosse manter o ensino de arte como disciplina curricular, e garantir a prática da arte-educação por meio do teatro como atividade extracurricular. Assim, caberia à disciplina o conhecimento das artes como um todo, e ao teatro, a experiência artística, porém com o foco no desenvolvimento dos educandos.

É uma sugestão prática, embora seja fácil observar que aquilo que não faz parte do currículo tende a não ser garantido e a desaparecer por razões econômicas, organizacionais, por desvalorização ou acomodação. Até porque, em geral, os alunos podem observar o resultado mais que as instituições, que tendem a considerar as atividades lúdicas como “brincadeiras sem importância”, bobagens.

Ressalto, ainda, que o teatro é uma forma de arte que abre possibilidade a toda manifestação artística em sua prática, e que pode realizar a integração entre as artes. O teatro educacional é um caminho para uma prática de arte-educação ampla e integrada.

O teatro é originário do jogo e conserva seu caráter lúdico, necessário à vida na organização interna do real. Enquanto arte, deu origem a todas as outras sendo ele uma manifestação artística completa por permear-se de poesia, movimentos dançados, sons e imagens.

A expressão dramática é inerente ao ser humano, e na infância consiste em importante fator de desenvolvimento da linguagem, do pensamento e da função simbólica.

O mundo moderno tem provocado cada vez mais um distanciamento do ser humano de sua essência humana, robotizando-o em seu comportamento e em suas relações interpessoais, levando-o a viver em uma realidade limitada e à parte de si mesmo.

Quando entra para a escola, a criança vai gradativamente adquirindo domínio sobre o intelecto, mas tem de abrir mão de seu espaço simbólico, lúdico, por meio do qual lida com seu mundo interno. Isso acontece porque a criança passa muito tempo sentada em carteiras e realizando atividades repetitivas.

No processo educativo, a inclusão do teatro, como prática de arte-educação, ou seja, como um meio para educar, torna-se extremamente favorável ao processo educativo por contribuir, significativamente, com processos pedagógicos e psicológicos garantindo um desenvolvimento completo dos educandos.

Assim, o teatro oferece um enorme potencial humano. Torna-se humanizante, à medida que coloca em exercício habilidades relacionais inter-humanas, a espontaneidade bloqueada pela determinação de padrões estereotipados de comportamentos e a integração dos sentimentos à ação.

Podemos concluir que o teatro, no contexto educacional, revela seus maiores benefícios quando conduzido de maneira livre, construído pelo próprio aluno e dentro de um ambiente onde o respeito e as relações afetivas sejam cultivados. Deve privilegiar o desenvolvimento integral do aluno, sua livre expressão e o desenvolvimento de seu potencial criativo, sendo que a técnica deve ser um meio e não um fim, pois fica evidente que nesta forma ele configura-se em um poderoso recurso psicopedagógico.

Conclusão



Vou Plantar uma árvore:

*Será
O
Meu
Gesto
De
Esperança.*

(...)

Algum dia o poder será dado à ternura.

*Venha,
Plante
Uma
Árvore
Comigo...*

Rubem Alves

A idéia para a realização deste trabalho partiu de uma experiência pessoal com teatro ao longo de mais de dez anos, que por ser profundamente significativa levou-me a direcioná-la ao espaço onde por muitas vezes senti falta de poder experimentar a amplitude que o teatro me oferecia: a escola.

As instituições escolares, num sentido bem geral, vêm, ao longo da história, reproduzindo os padrões, as exclusões e as exigências da sociedade. Embora muitas vezes o faça de forma inconsciente e com respaldos intelectuais.

A própria configuração física da escola, o alto número de alunos sentados em carteiras enfileiradas para assimilar um volume enorme de informações que muitas vezes está distante de sua realidade sem significado para sua vida, que grita sufocada, lá dentro, concorrendo com conceitos abstratos que não lhe acrescentam ao sentido de sua existência.

Não é por acaso que as escolas são alvo de depredação e o aproveitamento dos conteúdos escolares cai, resultando em um empobrecimento cultural, ao passo que o uso de drogas e a violência aumentam a cada dia.

Onde pretendo chegar com esta análise? Penso que nosso sistema vem cada vez mais atrofiando nossas qualidades essenciais e humanas. Nossa condição humana e nossos valores são desprezados. E o ser humano, inconsciente de si, de seu corpo, de sua criatividade, de sua essência, enfim, se pretende semelhante e reduzido ao que ele mesmo criou.

Falamos tanto hoje de ecologia, mas passamos séculos destruindo a natureza (e ainda o fazemos). E o que será da natureza humana? Para onde caminham nossas relações, nossos sentimentos, nossas qualidades? Poderíamos pensar numa “psicoecologia”?

Em “Tempos modernos”, Chaplin nos mostra a robotização do homem que se mecaniza, tornando-se parte da máquina, ora a própria máquina. Há uma espécie de concorrência utilitária, mas a máquina vence disparadamente e substitui seu criador que se esqueceu de recriar-se.

Em tempos mais modernos ainda, nos dias de hoje, na era da máquina “inteligente”, o computador, podemos ver a repetição dessa estória num nível um tanto mais complexo.

É comum em nossas relações cotidianas encontrarmos máquinas falando conosco, máquinas nos atendendo nas mais diversas instituições com as quais nos relacionamos; as máquinas é que estabelecem as relações públicas.

É pior ainda, quando sabemos que temos diante de nós um ser humano agindo, falando, comportando-se e relacionando-se conosco tal qual um computador. São treinados para serem somente aquilo. Devem ser todos iguais, e emitir respostas absolutamente iguais para todas as pessoas (bom, pelo menos não há discriminação), parece-me que precisam abrir mão de sua condição humana e, em hipótese alguma estabelecer uma “relação humana”. Estamos também sendo treinados para não nos relacionarmos como “pessoas” com essas “pessoas”. E vejo, como no belo filme de Chaplin, as pessoas deixarem o trabalho agindo da mesma forma estereotipada que o faziam no ambiente profissional.

Acredito que é por meio da Educação, ainda, que podemos preservar o pleno desenvolvimento humano. É no contexto educacional que podemos ajudar nossas crianças e jovens a articularem o conhecimento aos sentimentos, ao corpo e à sua imaginação, valorizando todos estes aspectos, e desenvolvendo uma auto-estima positiva (eu imagino que para aceitar abrir mão de si mesmo, precisa concordar que não é tão bom quanto aquilo que passará a ser).

Onde melhor se pode desenvolver e recuperar o ser humano Total, desenvolver suas habilidades criativas e construir seus valores humanos de forma integrada, que aquele espaço destinado à sua formação e conhecimento da realidade?

Não tenho nenhuma proposta mirabolante. Muito pelo contrário, a inclusão do teatro na educação, sequer é novidade. Mas impressiona-me que embora seja teoricamente conhecido na área de Educação, o teatro ou até mesmo a arte-educação como um todo, não faz parte, oficialmente, do currículo escolar. Poucos têm o privilégio de encontrar em suas escolas tais atividades.

A experiência com grupos de teatro de crianças, nos últimos quatro anos me permitiu observar a satisfação de crianças em participar de jogos tão simples e prazerosos quanto antigos folguedos de infância. Não buscam grandes sofisticções, semelhantes a seus brinquedos eletrônicos nem vestuários modernos semelhantes ao padrão da moda. Pelo contrário, querem fantasiar-se com panos e roupas velhas e simplesmente brincar de faz-de-conta, dramatizando aquilo que lhes é mais significativo: suas próprias vidas.

Assim, é por meio de atividades que considero extremamente simples, por ser inerente ao ser humano, que se faz um teatro educativo, teatro criativo, teatro educacional, ou como se queira chamar, mas o teatro como prática de arte-educação aplicado ao contexto escolar.

Os resultados apresentados a seguir especificam alguns importantes benefícios alcançados por meio da prática teatral com crianças, mas que podemos aplicar também a adolescentes e adultos, com alguma variação, evidentemente.

Foi constatado um elevado índice de motivação dos alunos, para a realização das atividades e, principalmente, para o desenvolvimento das próprias potencialidades.

Além de contribuir com o desenvolvimento pedagógico, o teatro oferece espaço significativo para o desenvolvimento psicológico e até mesmo promove resultados positivos ao nível de algumas dificuldades emocionais, ajudando o aluno a superar sua timidez, desenvolver um autoconceito positivo, aumentando qualitativamente sua auto-estima e sua interação social.

A prática teatral promove um amplo desenvolvimento do potencial criativo, e imaginativo das crianças, ampliando suas habilidades comunicativas, sua capacidade lúdica e seu senso de humor, contribuindo com seu amadurecimento psicológico, tornando-as mais seguras e mais felizes.

O teatro educacional pode significar um poderoso agente de construção de identidade, justamente por permitir a experimentação de diferentes papéis e possibilitar o estabelecimento de incontáveis relações. Assim, sua prática é viável e recomendável não apenas com crianças, mas também com adolescentes.

O adolescente está em franco processo de reformulação da identidade, e muitas vezes seu autoconceito e sua auto-estima sofrem um abalo, gerando enorme insegurança e instabilidade emocional. Como o grupo passa a ser a mais importante referência, o teatro, enquanto atividade coletiva, mostra-se mais do que favorável ao desenvolvimento e amadurecimento do adolescente.

As crianças de hoje têm acesso a um grande número de informações e problemas da vida adulta. São bombardeadas pela mídia com desejos de consumo, modelos estereotipados de pessoas felizes, bonitas, adequadas, e muito mais. Esses bombardeios atrapalham o desenvolvimento completo de sua personalidade, e comprometem qualitativamente sua infância. Hoje as crianças crescem mais rápido e deixam de ser criança muito mais cedo. Porém isso não garante adulto maduro.

As práticas de brincadeiras, para muitas, são bastante restritas, sendo as mais seguras (por não sair de casa), as mais comuns: vídeo game e televisão. Vivemos na era virtual. Assim, também ficam restritas algumas experiências em grupo, as relações ficam um tanto limitadas e o potencial criativo esquecido.

O teatro não acompanha esse padrão moderno, no sentido de que não há máquina que atue no lugar da pessoa. Se a criança quer lutar, brincar, viajar, explorar o mundo ou outra coisa, no teatro nada disso é virtual. Ela pode brincar e realizar tais aventuras representando-as: utilizando-se de seu corpo, sua voz e suas emoções. Assim, o teatro permite que a ela se exponha às experiências e relações reais, e possa aprender com elas e sobre elas.

Do ponto de vista dos sujeitos desta pesquisa, expressar-se e exercitar sua criatividade constituem os aspectos mais significativos da prática teatral. Aspectos que declaram não desenvolver suficientemente em outras atividades escolares, ou seja, a escola privilegia o desenvolvimento intelectual, e abre pouco espaço ao desenvolvimento da criatividade.

O que percebo, muitas vezes, é que as escolas tendem a tratar a criatividade, os sentimentos e até a arte pelo pensamento racional, e consideram que assim promovem o desenvolvimento completo desses fenômenos em lugar de criar um espaço adequado e propício a eles.

Enfim, a prática do teatro na escola promove uma ampla educação dos sentidos, da criatividade e do educando em sua formação e relação humana, tornando possível o pleno desenvolvimento de sua personalidade.

Por estar inserida numa realidade prática, afirmo que é possível a efetiva inclusão do teatro como meio de ampliar os limites da educação na escola. Porque acredito no desejo, no sonho e acima de tudo na

criatividade humana, e percebo que isso está presente de alguma forma nas instituições com as quais trabalho.

A criatividade tem sido foco de estudo na área educacional em busca de técnicas especiais tanto para mensurá-la quanto para estimulá-la. Sendo ela um fenômeno inerente ao ser humano, penso que quanto mais se humaniza, mais se pode desenvolver a criatividade.

Este trabalho abre perspectivas para o aprofundamento e novas pesquisas no campo da criatividade, não como um fenômeno isolado, mas atrelado ao desenvolvimento humano e à saúde mental.

E pode-se, ainda, refletir a proposta deste trabalho à luz de uma possível “psicoecologia” que cuide e preserve também essa nossa natureza humana e nosso psicoambiente.

Do ponto de vista psicopedagógico o teatro educacional é de fácil aplicabilidade educacional, mostrando-se eficiente na recuperação de crianças com dificuldades de interação social, comunicação, auto-estima e motivação.

Porém o mais importante seria sua utilização como recurso contínuo e de caráter preventivo, visando o pleno desenvolvimento da personalidade dos educandos.

Acredito que sua aplicação, em médio prazo, resultaria em uma alteração qualitativa das relações interpessoais em toda uma comunidade educacional, contribuindo com o amadurecimento psicológico, desenvolvimento cognitivo e com a criatividade, tornando a escola um espaço mais criativo e feliz.

Seria interessante a realização de um estudo longitudinal, ao longo de dois ou três anos, a fim de observar o impacto do teatro escolar no contexto social, coletivo da escola.

Não resta dúvida de que as atividades artísticas, de um modo geral, são profundamente educativas e necessárias à vida das pessoas,

principalmente por ativar e desenvolver potenciais humanos, abrangendo a esfera emocional e libertando o indivíduo de padrões rígidos impostos pelo mundo moderno.

Basta observarmos que importantes projetos de transformação social são pautados na arte-educação. A arte consegue arrebatá-lo o indivíduo em sua totalidade e ajudá-lo a resignificar sua vida, libertando-o por meio do processo criativo que já vem sendo utilizado com sucesso no resgate positivo de crianças e adultos marginalizados.

Agora ela também poderia ser oficialmente incluída na escola como meio de preservar a integridade humana, tornando a escola um espaço muito mais significativo, capaz de envolver largamente as crianças e os jovens ajudando-os no desenvolvimento de uma auto-estima positiva e de uma personalidade sadia. Assim poderíamos evitar que caíam no vazio de uma vida sem sentido e dêem a ela o rumo que constatamos hoje nas piores páginas de nossos jornais.

Bibliografia

ABRAMOVICH, Fanny. *“Teatro na educação (o que é afinal)”* in *Teatro na educação – subsídios para o seu estudo*. Brasília, 1976.

ALVES, Rubem. *“Notas introdutórias sobre a linguagem”*. In *Reflexão: Revista do Instituto de Filosofia da PUC*.pp.21-39 Campinas, 1979.

_____ *A gestação do futuro*, Campinas - SP, Papyrus, 1987.

ARANTES, Valério. José. *Ação psicodramática em sala de aula*. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Unicamp, 1993.

ARAÚJO, Néelson de. *História do Teatro*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1978.

BARONE, Thomas; *“Seen and Heard: The place of the child in Arts-Based Research on Theatre Education”* in *Youth Theatre Journal*, vol. 11, pp. 13-27, 1997.

BEAUDOT, Apud A. *A criatividade na escola*. São Paulo, Ed. Nacional,1975.

BLATNER, Adam. *“Drama in Education as mental Hygiene: A child Psychiatrist’s”* in *“Youth Theatre Journal; Vol. 9, pp. 92-96, 1995.*

BOAL, Augusto. *200 jogos para atores e não atores com vontade de dizer algo através do teatro*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1995.

_____ *Arco-íris do desejo*. Rio de Janeiro, civilização Brasileira, 1996.

_____ *Estudos sobre teatro* . Rio de Janeiro, civilização Brasileira, 1993.

CHACRA, Sandra. *natureza e sentido da improvisação teatral*. São Paulo, Perspectiva, 1983.

COURTNEY, Richard. *Jogo, teatro e pensamento*, São Paulo, Perspectiva, 1974.

DAQUINO, Giacomo. *Viver o prazer*, São Paulo, Paulinas, 1992.

DELAY, Jean e LEIF, Joseph. *Psicologia e educação*. Rio de Janeiro, livraria Freitas Bastos, 1965.

DORT, Bernard. *O teatro e sua realidade*.

DUARTE jr., João Francisco; *Por que arte-educação?* .São Paulo, papirus, 1983.

_____ *Fundamentos estéticos da educação*, São Paulo, Cortez, 1981.

DUFRENE, Mikel. "A arte é linguagem?" *In estética e filosofia*. São Paulo, Perspectiva, 1981.

FADIMAN, James. *Teorias da personalidade*. São Paulo, Harbra, 1986.

FISCHER, Ernest. *A necessidade da arte*. Rio de Janeiro, Zahar editores, 1981.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975.

GIGLIO, Zula Garcia (org.). *De criatividade e de educação*. Campinas, Unicamp, NEP, 1992.

HUIZINGA, Johan; *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo, Perspectiva/Ed. USP, 1971.

KAMMI. Constance; *A criança e o número*. Campinas, Papirus, 1984.

KLEIN, Jeanne; "Performance factors that inhibit and trigger distancing: crying to laugh" in "Youth Theatre Journal", vol. 9, pp. 53-67, 1995.

KNELLER, George F.. *Arte e ciência da criatividade*. São Paulo, IBRASA, 1990

LACOSTE, Jean. *A filosofia da arte*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 1986.

LANGER, Susanne K.. *sentimento e forma: uma teoria da arte desenvolvida a partir de Filosofia em nova chave*. São Paulo, Perspectiva, 1980.

LEENHARDT, Pierre. *A criança e a expressão dramática*. Lisboa, Estampa, 1977.

LEITE, Luiza B. e outras. *O teatro na educação artística*. Rio de Janeiro: Achimé, 1980.

_____ *Teatro e criatividade*, Rio de Janeiro, Achimé, 1978.

LINDGREN, H. C. *Psicologia na sala de aula: o aluno e o processo de aprendizagem*; Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1976.

LOPES, Joana. *Pega teatro*. Campinas: Papyrus, 1989.

LOU, Furman. "In support of drama in early childhood education, again." In *Early childhood education journal*; v27 n3 p173-78 spr 2000.

LOWENFELD, v. & BRITTAIN. *Desenvolvimento da capacidade criadora*. São Paulo, Mestre Jou, 1977.

MACHADO, Marina Soares. *Aplicação de jogos dramáticos em sala de aula*. Dissertação de mestrado, Unicamp, Campinas, 1999.

MAGALDI, Sábato. *Iniciação ao teatro*. São Paulo, ática, 1986.

MARTINS, Joel. *Pesquisa qualitativa em Psicologia*. São Paulo, Ed. Moraes: EDUC, 1989.

MASLOW, Abraham. *Motivation and Personality*. Ed. ver. New York: Harper and Row. 1970.

MICHALSKI, Yan. *Teatro na educação in Teatro na educação – subsídios para o seu estudo*. Brasília, 1976.

MILLER, Carol. "when you tell, does the hurt go away? The impct of theatre in education in sexual abuse prevention." In *stage of the art*; vol.8, n4 p13-17, sum1996.

MORAIS, Régis. *Ecologia da mente*. Campinas-SP: Psy, 1993.

MOSQUERA, Juan José Mouriño. *Psicodinâmica do aprender*. Porto Alegre, Sulina, 1975.

NOVAES, Maria Helena. *Psicologia escolar*. Rio de Janeiro, Vozes, 1982.

_____ *Psicologia da criatividade*. Rio de Janeiro, Vozes, 1972.

PALAGANA, Isilda Campaner. *Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky*. São Paulo: Plexus, 1994.

PEIXOTO, Fernando. *O que é teatro*. São Paulo: editora brasiliense, 1992.

PIAGET, Jean. *Para onde vai a educação?* Rio de Janeiro, José olímpio, 1977.

PORCHER, Louis. *Educação Artística - luxo ou necessidade*. São Paulo, Summus, 1990

READ, Herbert. *A redenção do robô: meu encontro com a educação através da arte*. São Paulo, summus Editorial, 1986.

REVERBEL, Olga. *O teatro na escola*. São Paulo, 1986

_____ *Um caminho do teatro na escola*. São Paulo, 1986.

_____ *Teatro na sala de aula*. São Paulo, 1985.

ROSENFELD, Anatol. *Prismas do teatro*. São Paulo, Perspectiva, 1993.

SAVIANI, Dermeval. *Do senso comum à consciência filosófica*. São Paulo, Cortez editora: autores associados, 1989.

SILVEIRA, Nise da. *Jung vida e obra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

SLADE, Peter *O jogo dramático infantil*. São Paulo: Summus, 1978.

SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro*. São Paulo, Perspectiva, 1992.

VISCA, Jorge. *Psicopedagogia: novas contribuições*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

VOJTA, Barbara Rothman. "Making a difference in students' self-esteem needs through Alice Childress'"when the rattlesnake *soud*." in Stage of the art; v9 n4 p23-26 sum 1997.

VYGOTSKY, JU. *Pensamento e linguagem*. São Paulo, Martins fontes, 1995.

WARREN, Kathlenn. "Empowering children through drama". In "early child development and care", vol. 90, pp. 83-96, 1993.

Weschler, Solange M. *Criatividade - descobrindo e encorajando*. Campinas: Editorial Psy, 1983.

Anexos



Nome: _____

Avaliação das atividades de Teatro

O Objetivo desta avaliação é saber:

QUAL A IMPORTÂNCIA DAS ATIVIDADES DE TEATRO PARA VOCÊ

1. Você acha que o teatro traz alguma mudança para sua vida?
Explique.

2. O que você aprendeu nas aulas de teatro?

3. Você acha que melhora alguma coisa em sua vida fazendo teatro?
Explique.

4. Como você se sente fazendo teatro?

5. O que você percebe que desenvolve fazendo teatro?

6. Você acha que, em sala de aula, é possível desenvolver as mesmas
coisa? Explique.

7. O que você acha que poderia melhorar e porquê

Relato integral dos depoimentos das crianças

Depoimento 1 (A1)

Eu adoro fazer teatro, não só por fazer uma fita que eu apareço como bruxa, isso faz parte do teatro e isso não me deixa triste, muito pelo contrário me deixa feliz.

Fazer teatro vai melhorar na minha vida, as outras aulas com outras professoras são muito diferentes porque as outras aulas a gente usa mais a escrita na aula de teatro não usamos mais a criatividade.

O teatro me ajuda pra que no futuro eu faça as coisas do meu jeito, o nosso filme em que apareço de bruxa se chama “o que fazer pela flor”.

Questionário:

1. sim. Porque eu me sinto mais feliz e aprendo mais.
2. Nas aulas eu aprendi técnica de palhaço, mímica e muitas outras coisas.
3. Sim. Eu me sinto mais feliz e aprendo mais.
4. Eu percebo que desenvolvi a minha maneira de falar, o meu jeito de ser e a minha criatividade.
5. Sim, pois na sala de aula tem muitas pessoas que se sentem melhor, porque no palco você fica nervosa e esquece as falas.
6. Eu acho que poderia melhorar na imaginação, porque tenho pouca imaginação.

Depoimento 2 (A2)

Eu me senti ansioso, animado, porque eu gosto do teatro. O teatro faz você se sentir mais solto, mais animado. No teatro há muitas coisas boas para aprender.

No começo eu me senti um pouco envergonhado, só que depois perdi a vergonha. O jeito de eu fazer um teatro ou uma peça é fácil porque você tem que se sentir como o personagem.

No próximo bimestre eu espero que tenha novas brincadeiras, novas atividades e etc.

Eu quero que seja muito legal e alegre as coisas que nós vamos fazer.

Questionário:

1. Sim. O teatro tirou minha vergonha
2. Mímicas, palhaço, etc.
3. Sim. Melhora a minha criatividade.
4. Me sinto aberto para minha criatividade.
5. Desenvolve a união.
6. Não, porque não tem matemática.
7. Poderia fazer mais comédia

Depoimento 3 (A3)

O teatro foi muito bom para mim.

A peça de teatro foi muito legal.

Vale muito à pena fazer teatro porque pode mudar sua vida na timidez e muitas outras coisas.

Eu gostei da aula que as pessoas que eram mãe tinham que levar a filha ao dentista. Gostei também da aula que nós escolhemos uma poesia para fazer gestos nela. O pântano da tristeza foi muito legal.

Acho que nós conseguimos um grupo unido. Espero que no próximo semestre seja legal como foi esse.

Questionário.

1. Sim, porque eu era tímida e agora não.
2. Eu aprendi a não ser tímida.
3. Sim, porque agora eu não tenho mais vergonha.
4. Eu me sinto muito bem, porque é muito legal apresentar.
5. Eu percebo que cada vez que apresenta uma pça, apresenta mais.
6. Não porque nós não estamos apresentando.
7. Nada, porque assim já está muito legal.

Depoimento 4 (A4)

O teatro foi importante para mim porque antes eu era muito tímida e agora não sou mais. Também gostei muito do teatro porque aprendi coisas novas. Agora sou mais bem humorada. Eu gostei muito, também das atividades e brincadeiras. O que eu mais gostei do teatro foi da gravação. O que eu achei também muito legal é que no teatro precisa de criatividade e eu adoro usar a criatividade.

Espero que no próximo semestre a turma do teatro faça uma peça bem legal para apresentar para os outros.

Questionário.

1. Sim, pois nós prendemos várias coisas como: se expressar, ficar mais solto,...Assim podemos nos sentir melhor, sem vergonha.
2. A me expressar melhor.
3. Sim, porque nós ficamos mais à vontade.
4. Eu me sinto mais solta, sem vergonha, feliz,...
5. Desenvolve o meu corpo pois eu me sinto mais relaxada.
6. Não pois em sala de aula só aprendemos matemática, p[ortuguês,...
7. Melhora em perder a vergonha, se expressar, para não ter medo na hora da apresentação.

Depoimento 5 (A5)

Eu entrei no teatro 15 de fevereiro, gostei, mas tem algumas coisas que eu não gostei. Eu me comportei mal e bem. Nós falamos de várias coisas como: reportagem, nós brincamos como as pessoas se comportam no dentista, pântano da tristeza e etc.

O nosso grupo é unido mas algumas vezes não é unido. Nós fizemos um filmagem o nome é: o que fazer pela flor. Foi muito legal e fui uma das bruxas e foi a mais feia no papel.

O teatro fez eu perceber várias coisas da vida como: as pessoas se comportar, como as pessoas é no dia a dia.

Na filmagem a flor é muito sozinha mas ela consegue se recuperar graças as pessoas.

No segundo semestre espero apresentar alguma coisa.

Questionário

1. Sim porque nos temos que se abrir e não ter mais vergonha.
2. Eu aprendi que não devemos ter vergonha.
3. Sim, que nós temos que se abrir para o palco.
4. Eu me sinto mais livre.
5. Eu acho que nós não temos mais vergonha.
6. Sim, porque nós temos que escrever e nós falamos no teatro como na escola.
7. Eu acho que poderia melhorar as expressões porque quase nenhuma faz expressões.

Depoimento 6 (A6)

Eu achei que foi muito bom fazer teatro porque eu encontrei novos amigos que eu não conhecia e que já conhecia. Eu não gostei de uma atividade de relaxamento. Eu acho que valeu à pena e eu gostei das poesias, da história da flor que nós fizemos, e de todas as brincadeiras. Eu achei que fui uma aluna média, gostei bastante da professora, eu acho que poderia melhorar o tempo, poderia dar mais tempo. Eu consegui uma nova criatividade. Acho que valeu à pena tudo isso. No próximo semestre eu espero que aconteça muitas histórias, muitas gravações e que eu tenha uma nova criatividade.

Questionário

1. Sim, com o teatro eu fiquei com menos vergonha de falar em público, eu me soltei mais, fiquei mais alegre e fiquei muito mais criativa.
2. Eu aprendi noivas técnicas como “a técnica do palhaço”, aprendi que quanto mais se treina mais o teatro fica bom e que também : a união faz a força”
3. Sim, minha saúde, meus sentimentos como a alegria e a amizade, meu senso de humor e minha criatividade.
4. Muito bem, eu me sinto mais alegre, e a amizade fica solta no ar.
5. Minha criatividade, meu senso de humor, minha agilidade e minha sabedoria.
6. Sim, pois na sala de aula temos a amizade ex? trabalho em grupo, e não pois na sala de aula você tem que ficar sempre sentado e no teatro você tem a expressão corporal.
7. Seria bom se alguns meninos e meninas parassem de fazer arte como sair da sala toda hora, assim nós iríamos poder ensaiar tranqüilamente.

Depoimento 7 (A7)

Eu sempre quis fazer teatro dez da primeira série. Quando eu tive meu primeiro dia de teatro eu gostei muito, gostei da professora e dos meus amigos. Eu não perco nem uma aula de teatro.

No teatro nós brincamos e aprendemos muitas coisas: relaxamento, expressões com o corpo, brincadeiras e também teatro, é claro.

O teatro também pode ser bom para o meu futuro, porque se no futuro eu for alguma coisa, talvez precise do teatro. Teatro me trouxe mais criatividade e imaginação. No teatro eu só não acho muito legal na hora de esperar a gravação, mas se eles me esperam, eu também!!!

No teatro aprendemos fazer vários tipos de personagens: alegres, bravos, tristes...

No próximo semestre eu gostaria de fazer um teatro no auditório ou no ginásio para toda a escola.

Questionário

1. Acho. Porque eu me senti melhor fazendo as aulas de teatro.
2. Eu aprendi muitas coisas, como falar mais alto, me sentir melhor no palco.
3. Acho que melhorei, na hora de decorar as falas eu decoro.
4. Me sinto alegre.
5. Me desenvolvo o meu jeito de ser.
6. Acho que na sala de aula eu não faço as mesmas coisas que no teatro.
7. Acho que eu preciso falar mais alto, porque ainda falo baixo.

Depoimento 8 (A8)

O teatro é uma coisa muito boa em minha vida, pois desenvolve a minha criatividade, e também porque antes eu tinha muita vergonha de subir no palco e falar uma palavra, já agora que eu entrei no teatro, a vergonha acabou, eu subo no palco e falo quanto for necessário.

Existem várias diferenças entre a classe de aula e o teatro, por exemplo, no teatro nós brincamos, falamos e interpretamos, em classe de aula as coisas que nós mais fazemos é escrever e ler e isso enjoa.

A única coisa que eu não gosto é de vir no teatro e não ser gravada, assim eu não me sinto bem. Mas por outro lado eu gostei muito do programa do xatinho. Mas o que mais me agrada no teatro é que você é a nossa professora.

Questionário

1. sim, pois teatro é uma atividade que mais gosto sempre quis fazer teatro e muda a minha vida: estou com mais alegria agora, pois também se não tivesse uma professora legal como a Ana Maria.
2. Aprendi que o teatro não é um esforço, é só a nossa criatividade.
3. Sim, pois o teatro é só alegria e espero que no ano que vem eu caia de novo no teatro.
4. Me sinto alegre, com muita felicidade e muito engraçada.
5. Percebo que desenvolve muito na voz, na vergonha, etc.
6. Sim, pois na sala de aula, muitas pessoas se sentem melhor, pois no palco a gente fica nervoso, e esquecemos as falas, mas na sala tem que imaginar o palco.
7. Eu poderia melhorar na vergonha, nos sentimentos e também nas novas idéias.

Depoimento 9 (A9)

No começo não sabia o que iríamos fazer. Comecei a gostar no primeiro dia, só que no fim do mês comecei a desconfiar que nós estávamos atrasados só pensando no que iria fazer, algumas vezes me assustava. Depis que começamos a fazer a fita fiquei meio envergonhado, pensava que nunca iríamos terminar, acabar aquilo, fazendo cada parte umas mil vezes. Mas fiquei muito envergonhado quando vimos a fita.

Questionário

1. sim, pois a minha satisfação de me divertir.
2. Eu acho que a imaginação é desenvolvida.
3. Sim, as falas.
4. Bem, mas quando faço uma peça tenho vergonha.
5. Eu meloro minhas habilidades.
6. Não, que na sala de aula se desenvolve o estudo.
7. As habilidades de mais coragem.

Depoimento 10 (A10)

Aprendemos muitas coisas legais e interessantes como a mímica, a técnica de palhaço, a trocar de personagem no meio do jogo.

Adorei fazer a flor, mas deu muito trabalho, agora quero fazer um papel diferente, mais malvado.

As aulas são muito divertidas, e às vezes alguns meninos fazem bagunça.

Antes eu tinha vergonha de tudo, e agora, eu me sinto muito bem.

Questionário

1. sim, antes de fazer teatro eu tinha vergonha de fazer tudo.
2. Aprendi a técnica de palhaço, a mímica e que para uma peça ficar boa é preciso muita criatividade.
3. Sim, antes de fazer teatro eu tinha vergonha de fazer tudo.
4. Eu me sinto bem
5. Eu percebo que antes eu não sabia muitas coisas como a mímica.
6. Não porque em sala de aula nós não fazemos peças.
7. Eu acho que nós podíamos aprender mais coisas.

Depoimento 11 (A11)

Eu acho o teatro muito legal, pois antes eu tinha muita vergonha e agora, com as peças, brincadeiras e outras coisas que eu fiz com o grupo me tiraram a vergonha.

O teatro me ajuda a ser mais solta.

Eu, como todas as crianças, converso, mas é bem menos que os meninos.

A brincadeira que eu mais gostei foi as estátuas que mechem. O que poderia mudar, é que os meninos parem de conversar e os meninos não fiquem com nojo de pegar na mão das meninas.

Questionário.

1. Sim, o teatro me deixa mais criativa.
2. Eu aprendi mímica, técnica de palhaço.
3. Sim, fazendo teatro eu fiquei com menos vergonha.
4. Eu me sinto alegre.
5. Eu percebi que me desenvolveu a criatividade.
6. Não, porque em sala de aula eu aprendo obrigações e no teatro é uma coisa mais livre.
7. Eu acho que devia tirar os meninos chatos, porque eles atrapalham.

Depoimento 12 (A12)

Eu acho o teatro legal porque a gente pode fazer muitas coisas. Na gravação eu achei chato ficar esperando e fiz muita bagunça.

Eu queria fazer uma peça no palco, e também queria que fosse mais tarde porque fico com sono muito cedo.

Questionário

1. sim pois é uma única aula livre.
2. Que precisa ser livre para fazer as atividades.
3. Sim pois eu conheço novos amigos.
4. Livre.
5. Não ter vergonha e falar alto.
6. Não, pois a gente só fica sentado e no teatro a gente se mexe.
7. O horário de 8:30 para 9:15

Depoimento 13 (A13)

O teatro é uma coisa que eu gosto muito de fazer. Antes eu era muito tímido, agora consigo melhorar. As atividades que mais gostei foram a das crianças no dentista, das poesias que a gente gravou e ficou legal, do pântano da tristeza e da gravação também.

No próximo semestre, quero que continue sendo legal e que tenha novas brincadeiras.

Questionário

1. Sim, antes eu ficava escondido atrás da minha mãe, tinha medo de falar com as pessoas, agora não sinto tanta vergonha.
2. Mímica, fazer peça e técnica de palhaço.
3. Sim, perco a vergonha
4. Muito bem
5. Minha fala, e a vergonha
6. Não porque ficamos sentados o tempo todo e npo tetaro a gente não tem cadeiras.
7. Nada

Depoimento 14 (A14)

Eu gostei muito de fazer teatro porque no teatro eu me soltei muito mais. Antes eu tinha muita vergonha de falar, agora me sinto mais feliz. As aulas são diferentes e divertidas, porque a gente brinca a maior parte do tempo e isso é muito legal. Alguns meninos atrapalham porque não sabem brincar e querem fazer bagunça. A gravação da fita foi legal também, porque a gente se sente bem.

Questionário

1. Sim, pois eu era muito tímida e ainda sou um pouco mas melhorei muito e agora não tenho quase nada de vergonha.
2. Mímica, muitas brincadeiras, fazer gestos e falar mais alto.
3. Sim. Fico mais à vontade e mais solta. E além disso fico muito animada.
4. Muito feliz.
5. O jeito de ser atriz.
6. Não porque na aula a gente não pode falar tanto.
7. Acho que podia ser do mesmo jeito porque voc6e é muito legal.

Depoimento 15 (A15)

Antes de fazer teatro eu tinha vergonha de tudo e agora que eu estou no teatro eu perdi quase toda a minha vergonha, e isso me ajudou muito.

Quando a professora ensinou a fazer mímica eu gostei muito porque sempre tive vontade de fazer mímica.

Eu também gostei muito de fazer o filme.

O teatro me ajudou muito nas aulas da escola porque no teatro eu usei muito a imaginação.

No teatro eu descobri diferentes jeitos de ser como: ser malvada, vingativa, mandona, boazinha, maluca, etc...

No segundo semestre eu gostaria de apresentar a peça no auditório para as outras pessoas. Eu adoro fazer isso. Eu adoro fazer teatro!!!

Questionário

1. Sim, porque a gente aprende muitas coisas
2. Que é preciso ensaiar bastante e usar a criatividade para fazer uma peça legal.
3. Sim, na vergonha.
4. Me sinto realizada.
5. Todas as coisas
6. Não porque a gente só estuda, fica escrevendo,...
7. Eu adoro tudo.

Fotos

As fotos a seguir fizeram parte de um laboratório de fotografias que realizei com alguns grupos dentro de um projeto intitulado “a alegria como um valor a ser cultivado”.

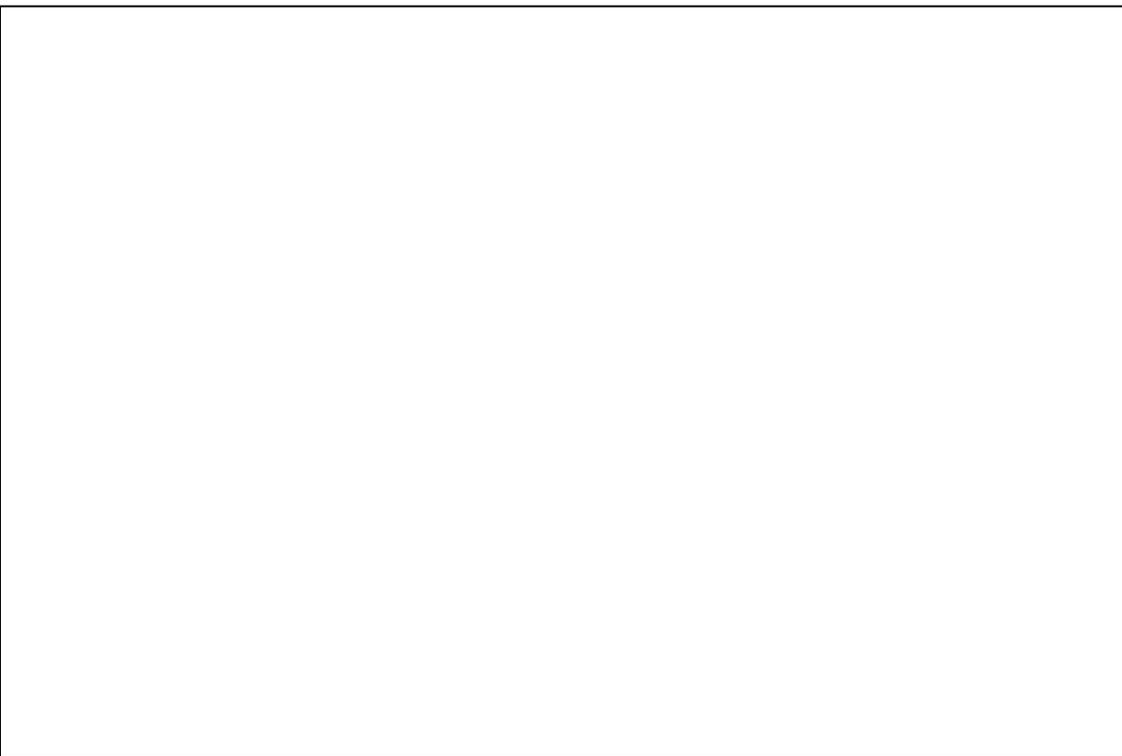
As crianças levantaram situações de seus cotidianos que considerassem responsáveis por aumentar a alegria ou acabar com ela (tanto para si como para os outros).

Os motivos de alegria foram fotografados com filme colorido e os outros com filme preto e branco. As fotos foram colocadas em um grande painel: a metade esquerda, colorida e a metade direita preto e branco.

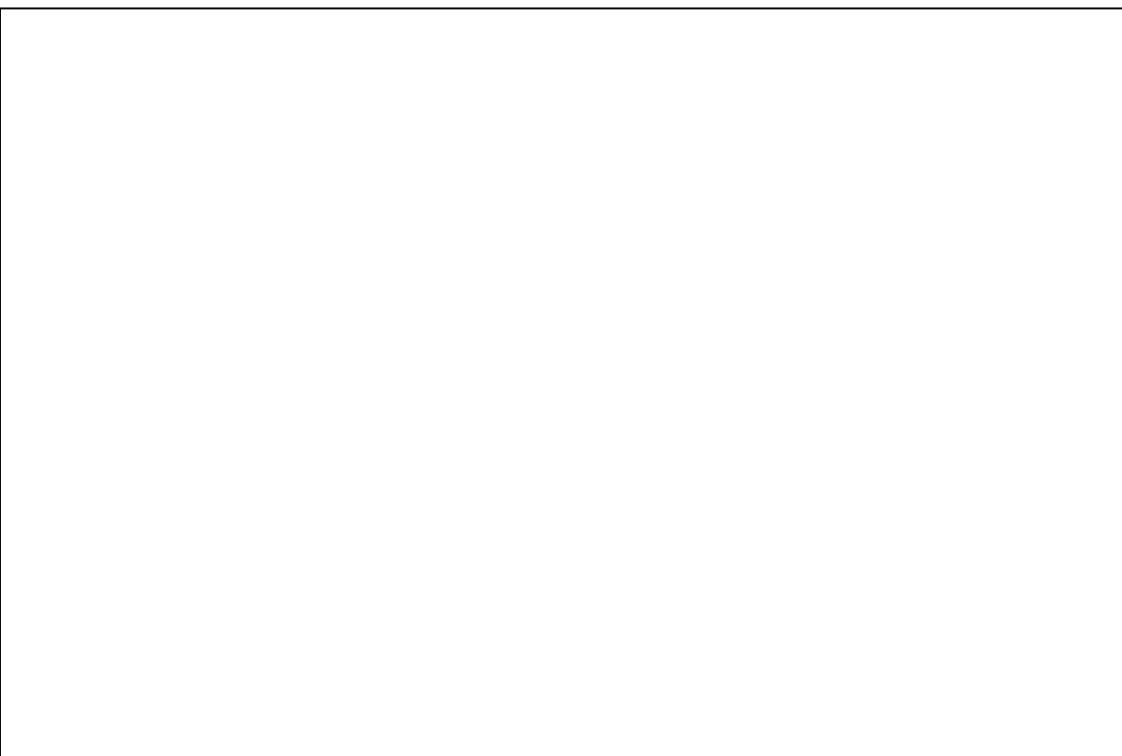
Entre as fotos dizeres de um “ministério da saúde” imaginário, em forma de propaganda de medicamentos que fazem bem como: sorrisol B3, carinhex plus, etc. E ao lado, entre as fotos em preto e branco, frases de advertência sobre o mau-humor, brigas, exclusão, etc.



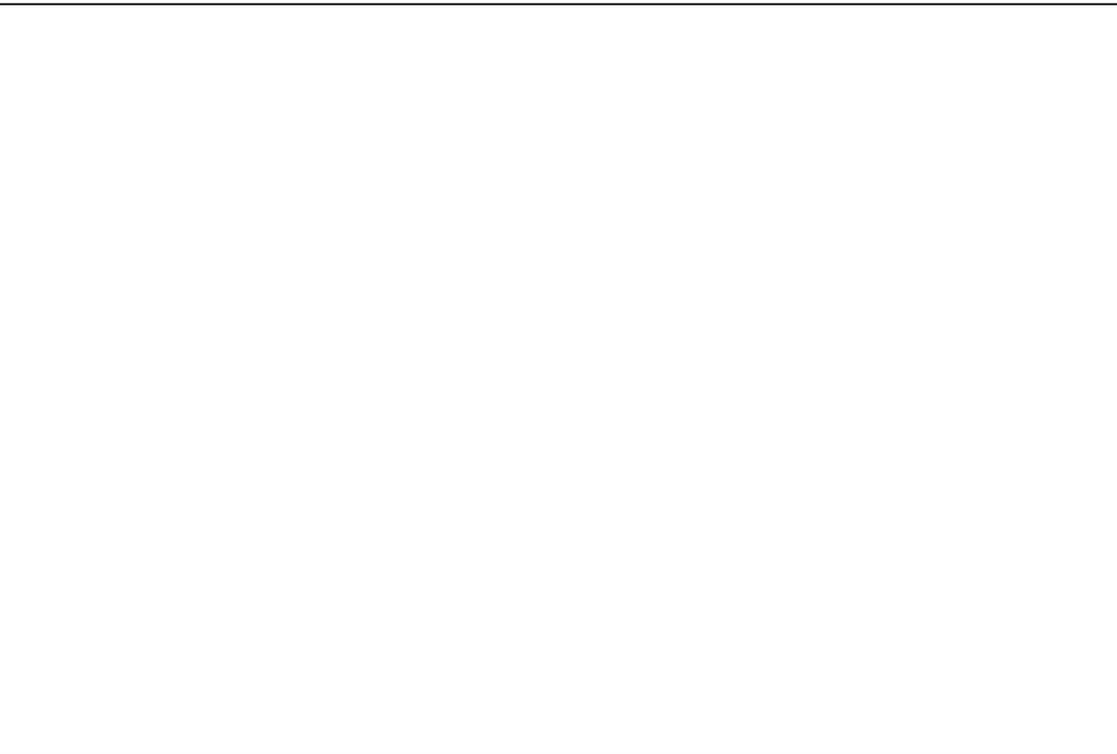
Ter amigos...



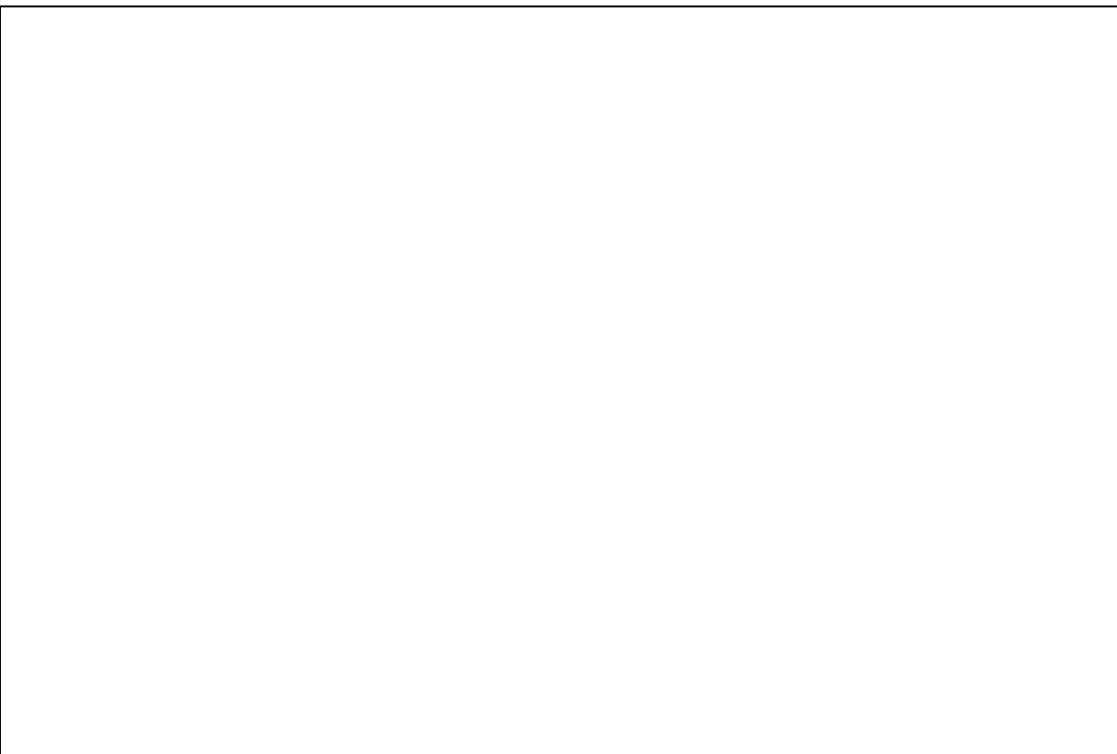
Sorrir...



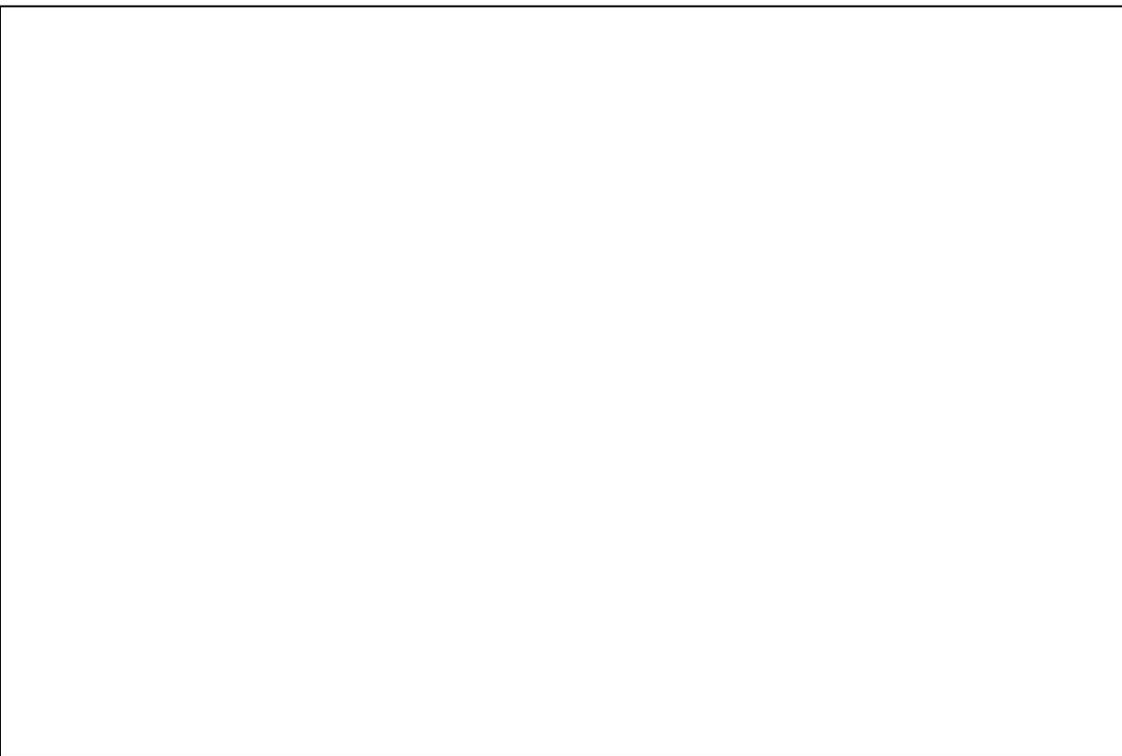
Ser companheira...



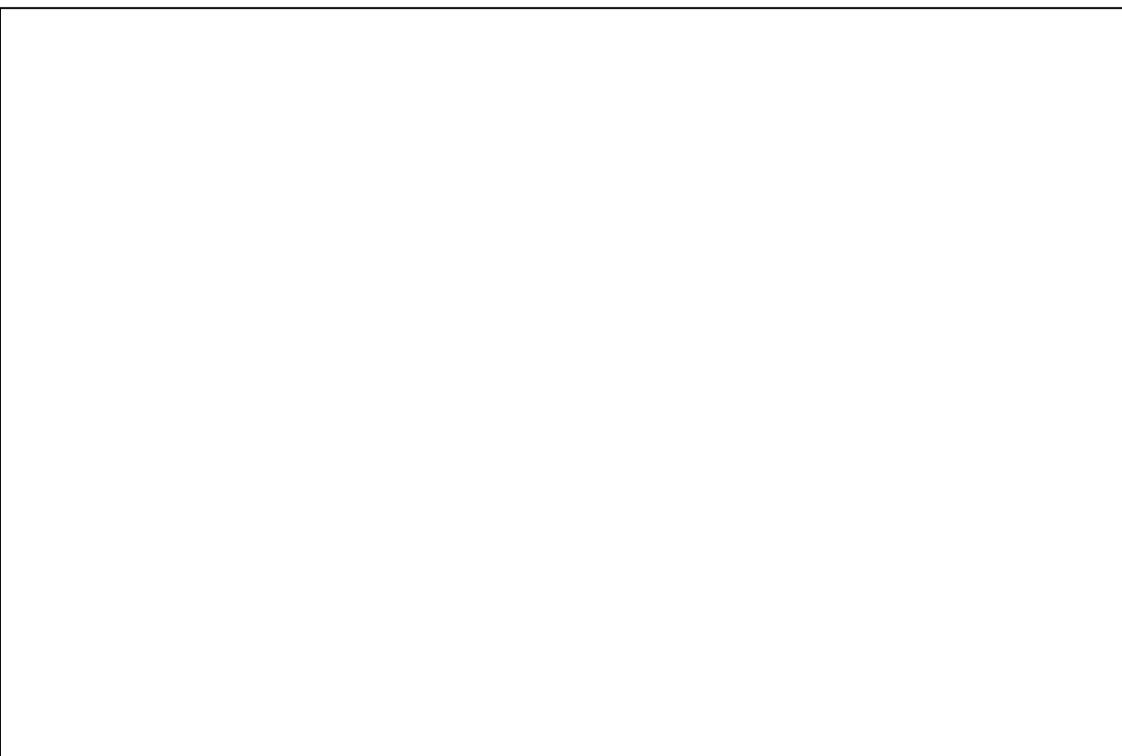
Fazer um carinho...



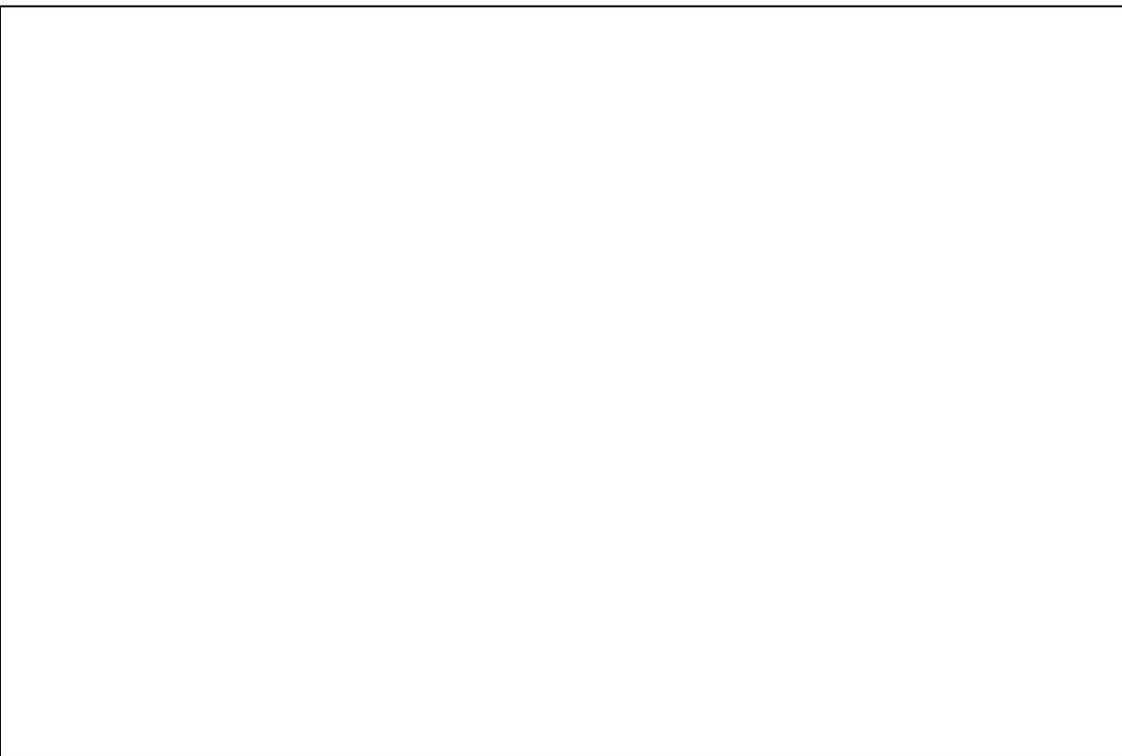
Receber carinho...



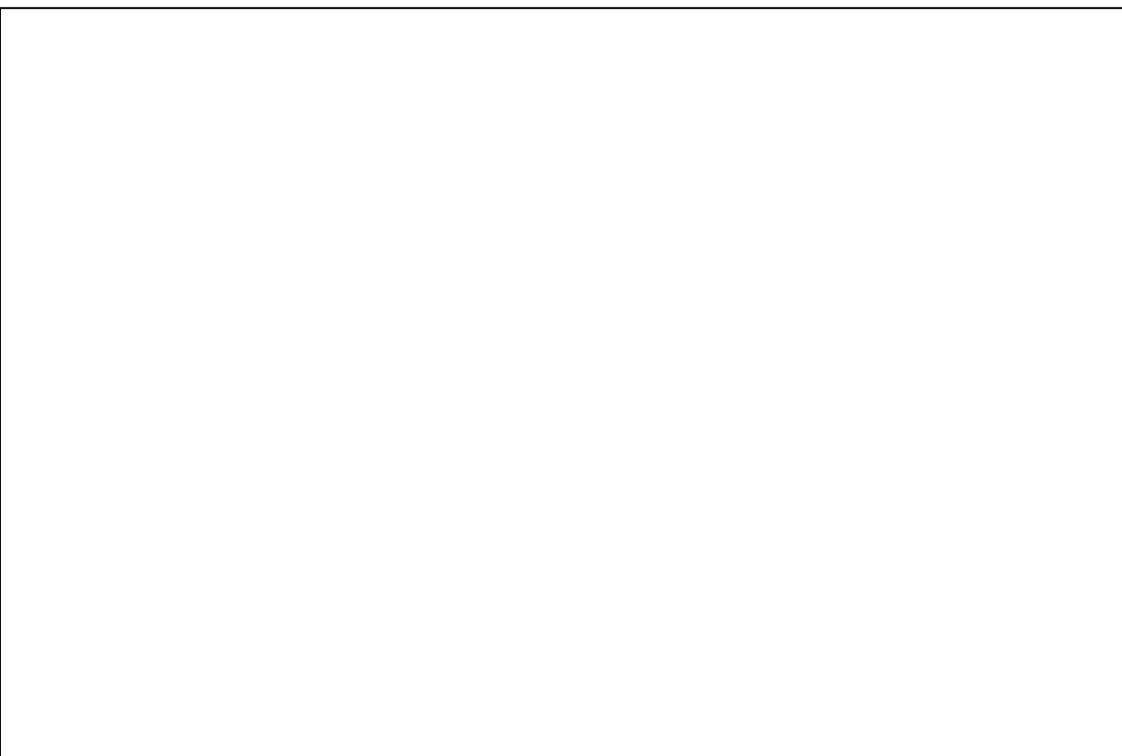
Beijos...



Alto astral...



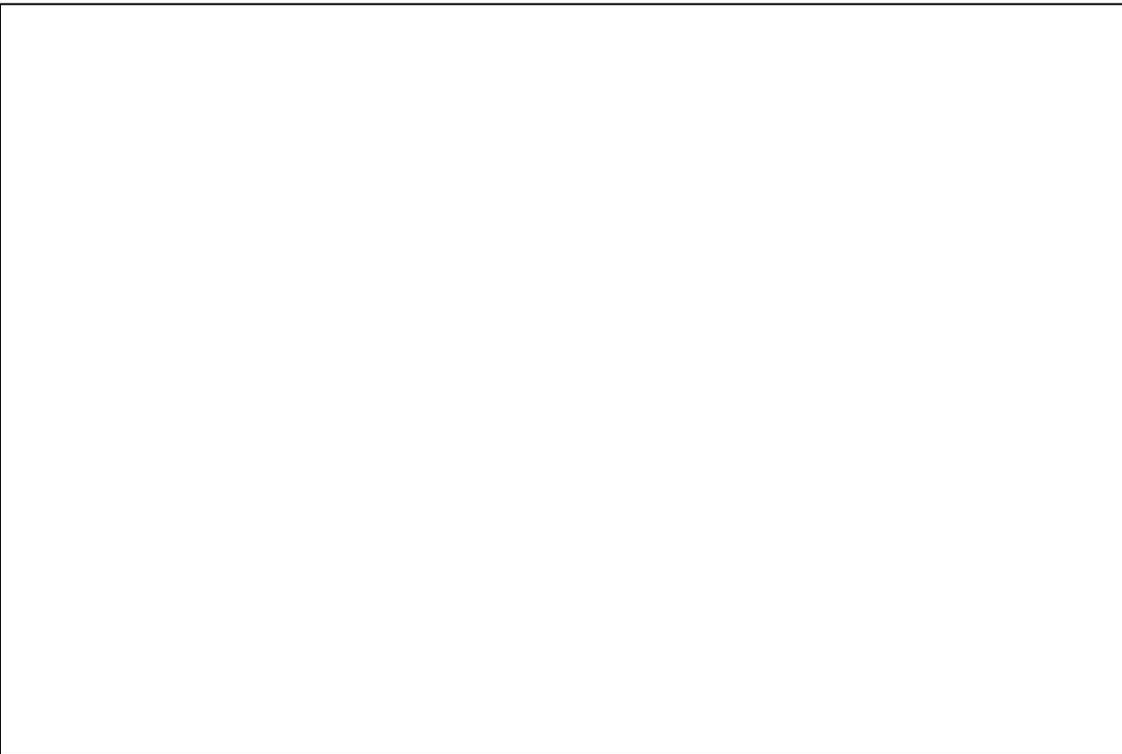
Não ter amigos...



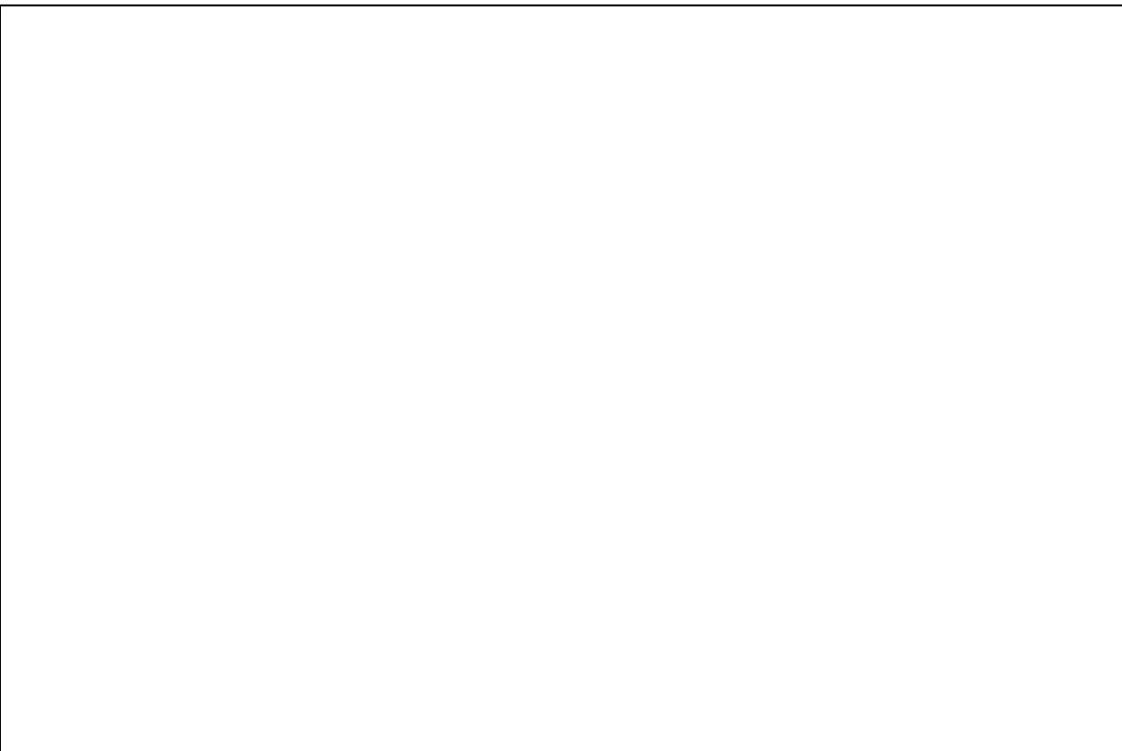
Ser excluído...

Apanhar...

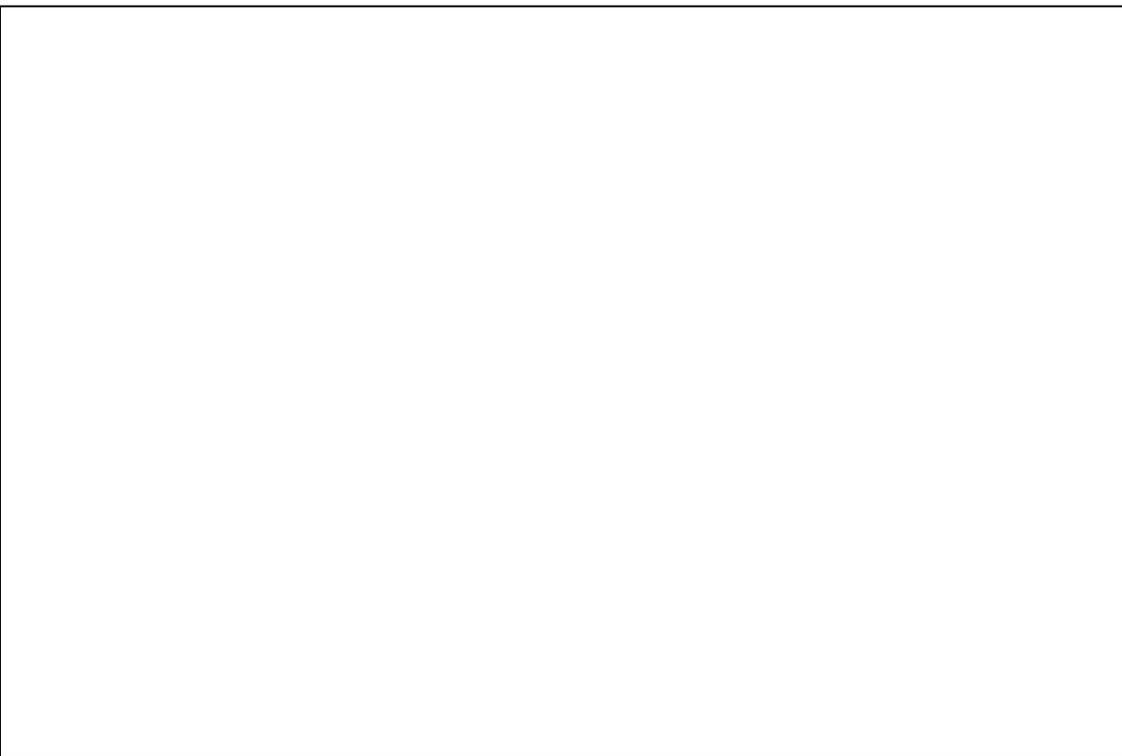
Sacanagem dos amigos....



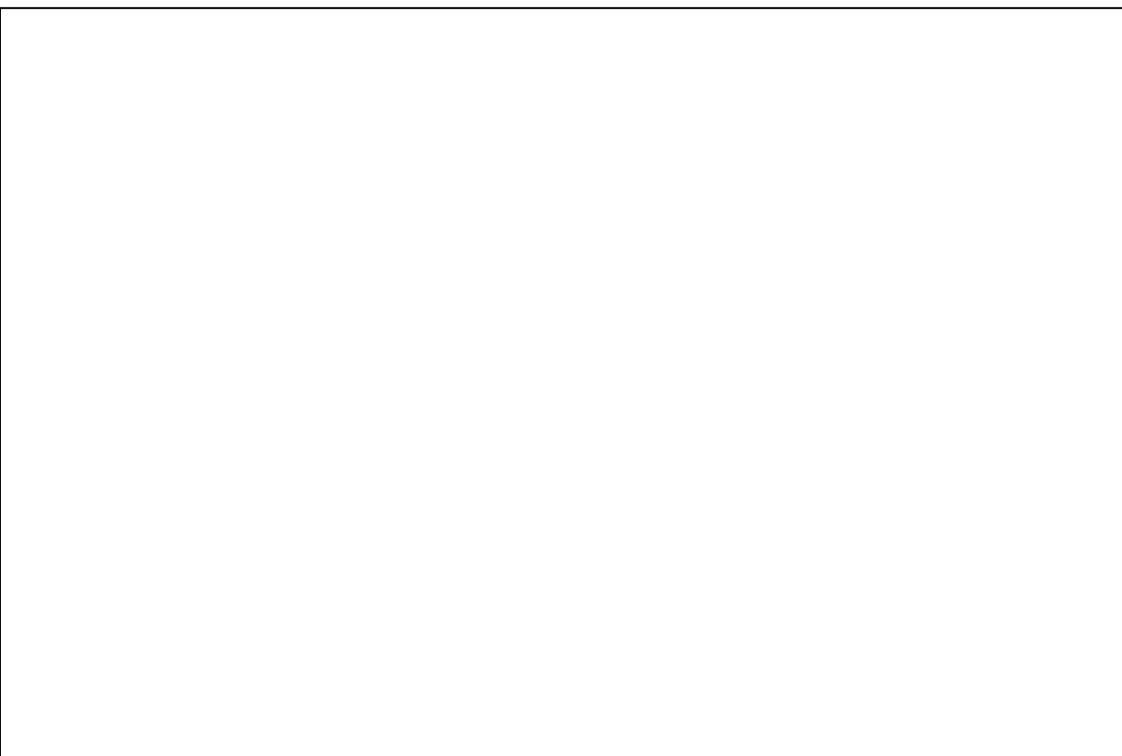
Raiva ...



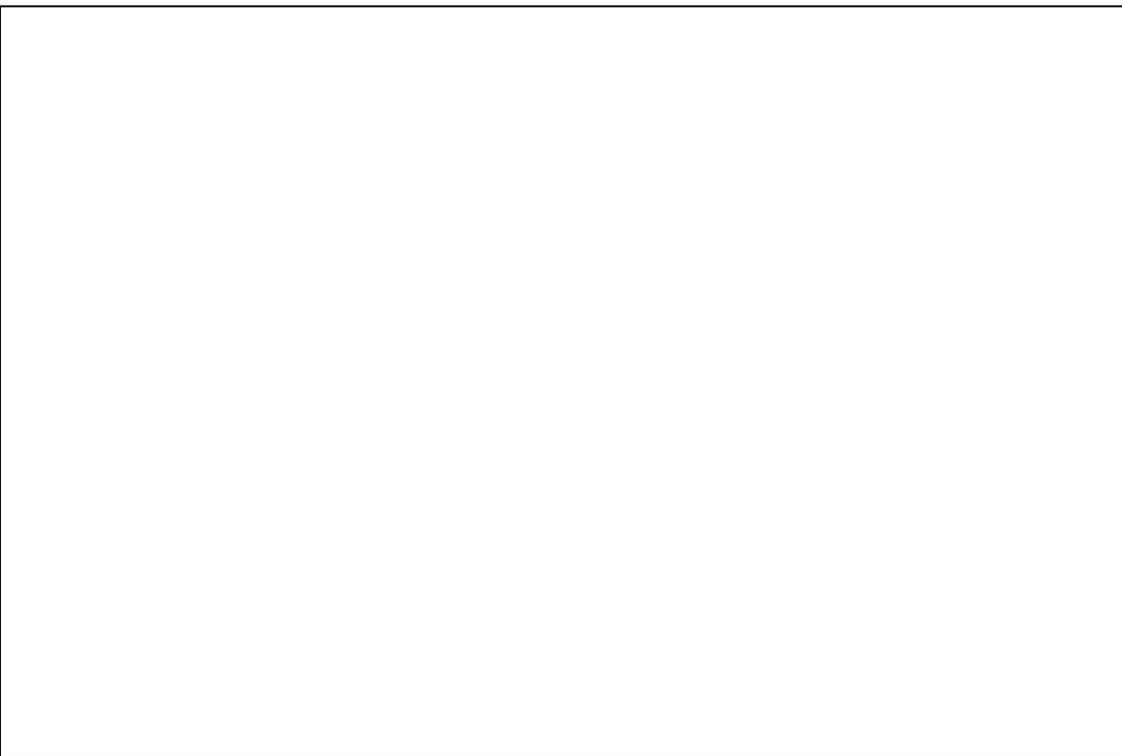
Dor de dente...



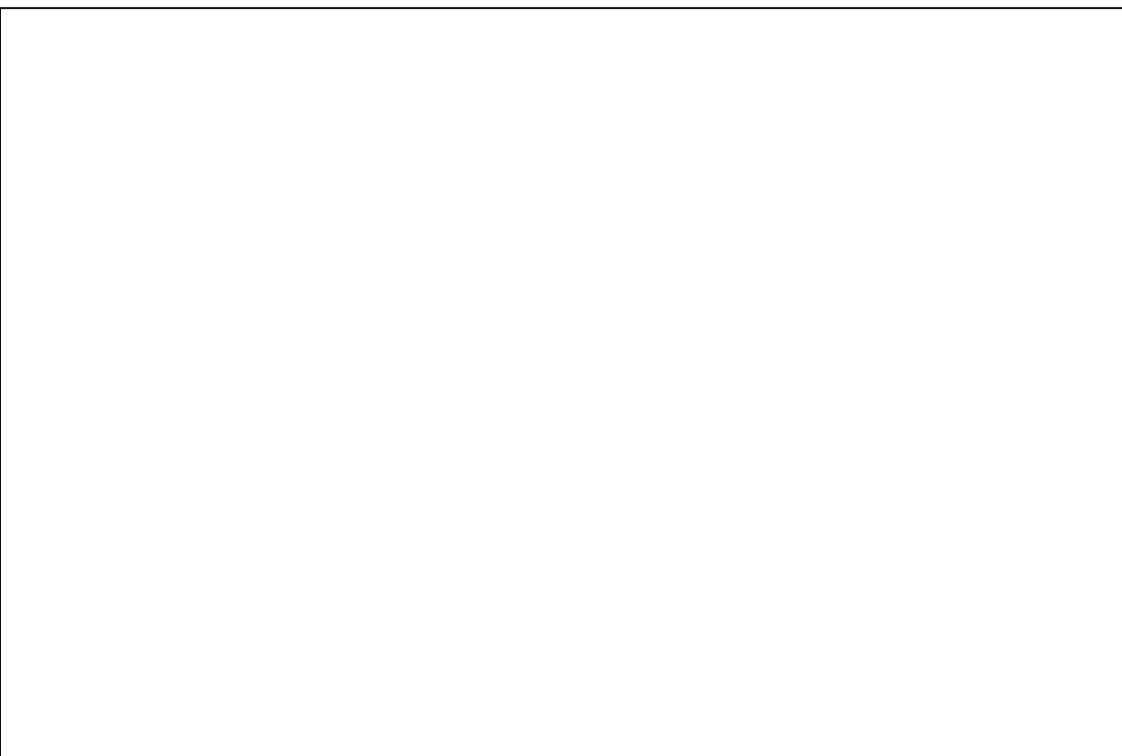
Ficar sozinha...



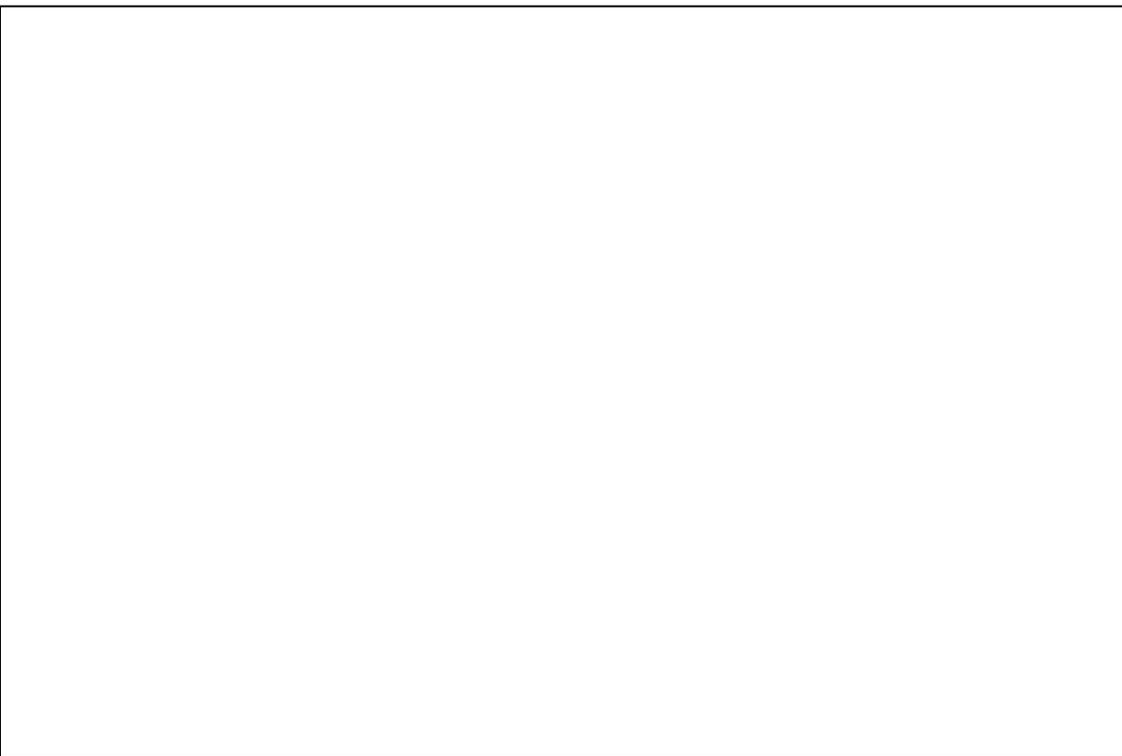
Comer ovo frito (quando a gente não gosta) ...



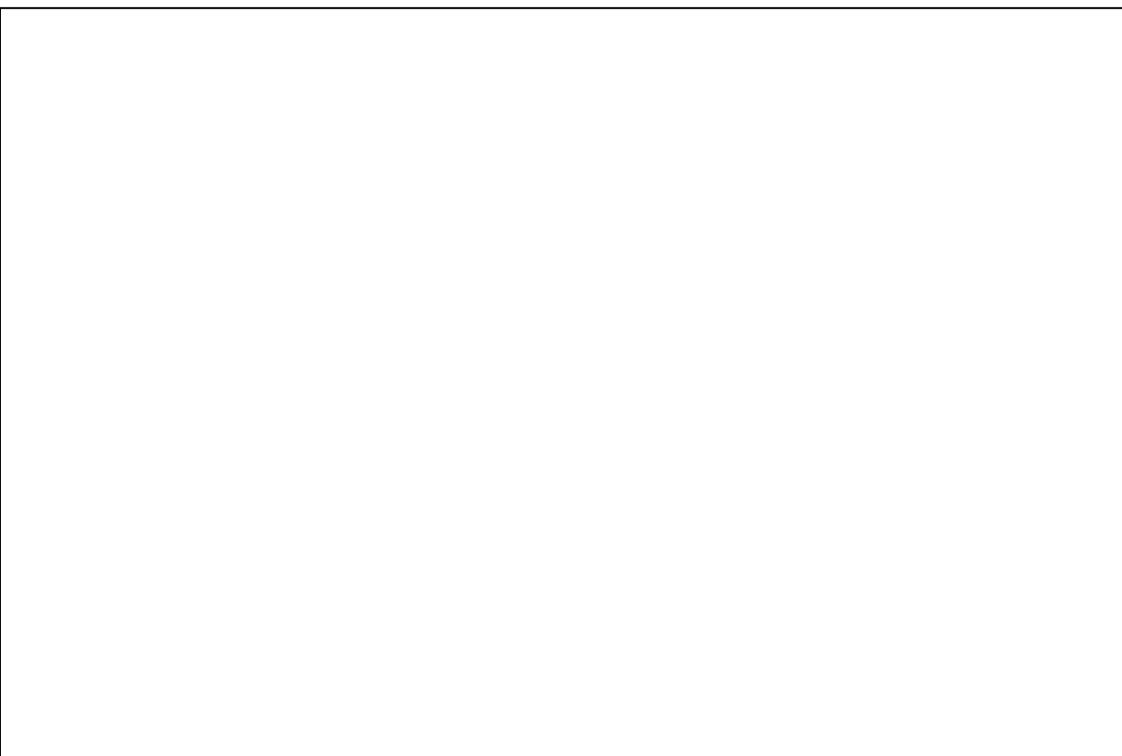
Raiva...



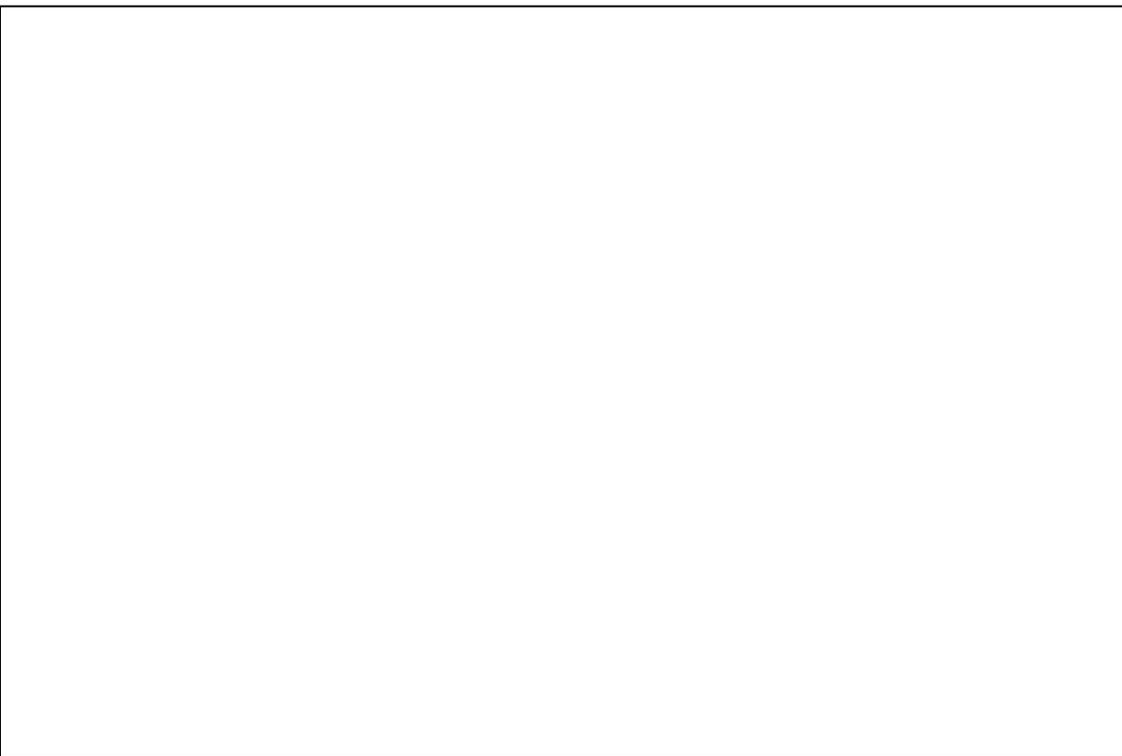
Dor de dente...



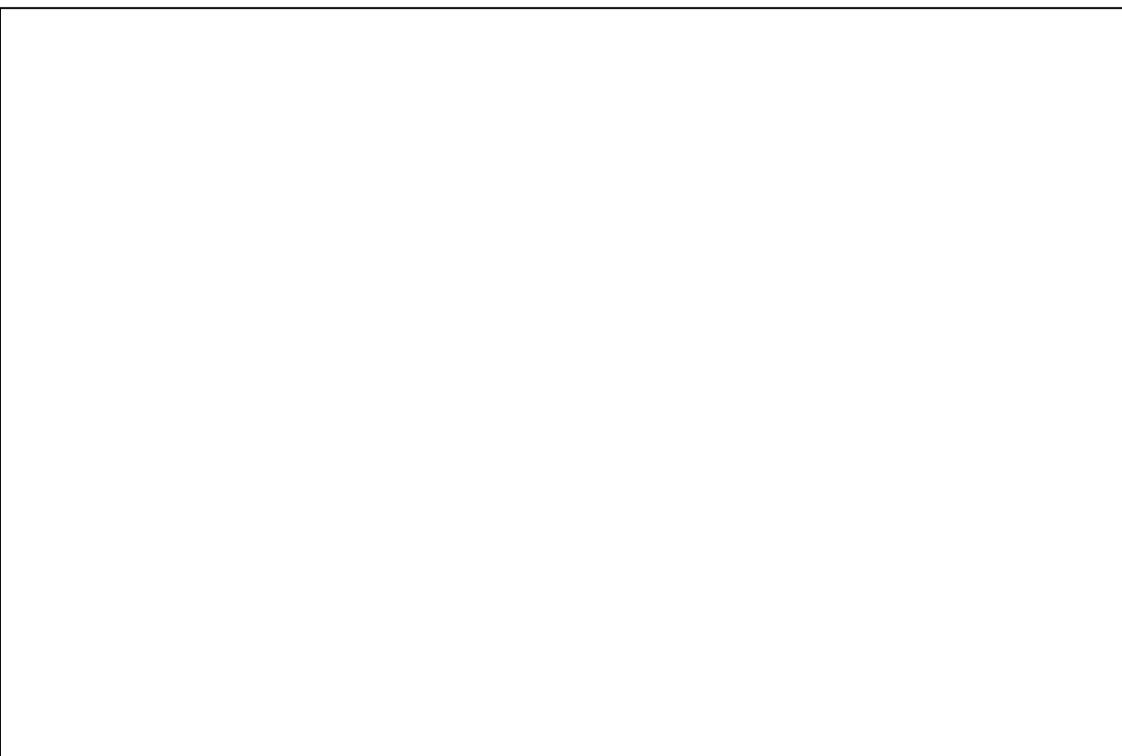
Fofoca...



Quando falam mal da gente...



Ser gozado pelos colegas



Brigas...

